

AS ARTES ENTRE AS LETRAS



ANIVERSÁRIO



Directora: Nassaete Miranda | 30 maio de 2012 | N°75 | Preço: 2 euros | quinzenalmente às quartas

SUPLEMENTO

50 anos de vida literária do Homem, do intelectual, do poeta e do cidadão que nos habituámos a respeitar e a admirar e que o mundo literário conhece e reconhece como um dos maiores do nosso tempo a teimar na língua mater, foi desenhado pela primeira vez pelo Mestre Adelino Ângelo, obra que ilustra a primeira página do nosso suplemento.

3 = CLU niversal
cultura
iberdade





SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 784 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 226 063 556
Telemóvel: 918 035 678
E-mail: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 784 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 226 063 556
Telemóvel: 918 035 678
E-mail: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassaete Miranda
EDITORIA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 784 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
Email: artesentreltras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selecior - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém
Telef: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef: 80820655 - Fax: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Amaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luis
António Vitorino d'Almeida | António Joaquim Oliveira
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco
José Atalaya | José Rodrigues
Levi Guerra | Lídia Jorge
Luisa Dacosta | Manoel de Oliveira
Mário Cláudio | Miguel Veiga
Óscar Lopes | Salvato Trigo
Urbano Tavares Rodrigues

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | António José Queiroz
Armando Alves | Carlos Cabral Nunes
Carlos Vaz | Cristino Cortes
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa
Francisco d'Eulália | Isabel Ponce de Leão
João Medina | Jorge Sanglard
J. Esteves Rei | Lauro António
Manuel Sobrinho Simões | Maria Antónia Jardim
Paulo Ferreira da Cunha | Ramiro Teixeira
Rodolfo Alonso | Rudesindo Soutelo

PARCERIAS



APOIOS



Nassaete Miranda
directora

Entre Sentidos

Assumido que está que, tal como a alma do poeta, a minha também “não dança com números”, tenho de confessar que há números que dançam comigo, cumprindo-se assim a velha máxima da não existência de regra sem excepção. O número três é, desde sempre, um dos meus preferidos - mesmo antes de conhecer a tabela da simbologia numérica de Pitágoras.

Da educação católica vem a Trindade, do estudo da matemática chega o - triângulo, como primeiro plano fechado, depois a associação com o crescimento, com a harmonia e o equilíbrio e mais recentemente a sua analogia com as letras. O número 3 representa, na referida tabela pitagórica, as letras C L U. E foi aqui que fiquei seduzida, porque o C é Cultura, Cidadania, Criatividade, Carácter; o L é Literatura, Liberdade, Lastro, Luz, Língua e o U é Universo e União, entre, naturalmente milhares de palavras.

Mas é por estas letras iniciais que respiramos há 3 anos, numa aventura feita desafio aos tempos e às modas, num esforço colectivo que insiste em cada edição, em metamorfosear o Cabo das Tormentas em Cabo da Boa Esperança, numa teimosia que se alastra até vós.

Três anos, 75 edições (75 - número que aplicada a prova dos 9 totaliza 3), a mostrar que o melhor de nós próprios, da nossa gente, da nossa lusa tribo está no muito do que cria e recria.

Três anos a colocar a Cultura na agenda do dia, a insistir que as prioridades do País têm, obrigatoriamente, de passar pelo investimento na Educação, na Ciência, na Cultura.

Três anos a teimar, a insistir, a persistir e a resistir nos caminhos do conhecimento, na plena convicção de que é por aqui que devemos ir porque é através do conhecimento e do saber que seremos poderosos para exigir a todos os que governam, sonham governar, desejam ardentemente um “pedestal” político, autárquico, partidário, etc, um comportamento ético e socialmente responsável.

Neste terceiro aniversário de As Artes entre As Letras, temos a satisfação de anunciar que acabámos de ser reconhecidos pelo Governo Português, através da Secretaria de Estado da Cultura, como o jornal de “interesse cultural e literário” para o País. Alargámos o nosso leque de colaboradores e de leitores, atrevemo-nos a entrar no traço humorístico com a arte de Agonia Sampaio, angolano a residir na Póvoa de Varzim e que já viu o seu talento como desenhador de BD premiado em Portugal e Espanha e fizemos ajustes no grafismo. Ou seja: demos mais uns passos no caminho do futuro.

É nosso privilégio firmar estes três anos com uma capa assinada pela pintora portuense Isabel Saraiva, que nos brindou com uma tela exclusiva onde as pontes simbolizam a comunicação entre todas as margens e com o suplemento de homenagem a Vasco Graça Moura e aos 50 anos da sua inimitável vida literária.

O Homem, o intelectual, o poeta e o cidadão que nos habituámos a respeitar e a admirar, que o mundo literário conhece e reconhece como um dos maiores do nosso tempo a teimar na língua mater, foi desenhado pela primeira vez pelo Mestre Adelino Ângelo, obra que ilustra a primeira página do nosso suplemento. No próximo 2 de Junho às 16H, reunimo-nos na Fundação Eng.º António de Almeida, Porto, para um abraço de gratidão a todos os que nos ajudaram a aqui chegar, ouvir o Professor Arnaldo Saraiva falar do papel da imprensa cultural e tocar esculturas de Beatriz P. Pereira, Elsa Melo, Helena Fortunato, Maria Vasconcelos, Francisco Simões, Hélder de Carvalho, Jorge Curval, José Rodrigues e Taveira da Cruz.

Uma oportunidade para rever amigos, leitores, colaboradores - gente do melhor que há, que nos apoia sem preconceitos, sem nada esperar em troca, que nos dá as mãos para que o caminho seja feito assim, em plural de boa vontade, de solidariedade cultural, de afecto, de partilha e de cumplicidade universais.

É devido a todos, os de ontem, de hoje e de amanhã, uma palavra de reconhecido agradecimento. Peço compreensão para destacar, neste profundo obrigada, alguns nomes - pilares onde nos apoiamos para existir: Artur Santos Silva, Miguel Veiga, Salvato Trigo, Guilherme d'Oliveira Martins, A. Machado Ferreira, Fernando Aguiar Branco, Agostinho Barrias, Dionísio Vinagre, Mário Assis Ferreira, António Cunha, Manuel Enes, Henrique Vaz Duarte, e à equipa ímpar, que desde o primeiro suspiro abraça forte o jornal: Maria José Guedes, Isabel Fernandes, Ângela Velhote, Isabel Ponce de Leão, Francisco Manuel, Pedro Cunha e Paulo Francisco.

Obrigada a TODOS.

O encontro afectuoso está marcado com optimismo (que não é o pessimismo mal informado...) e com a esperança dos que sonham o possível!

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.



Guilherme
d'Oliveira Martins
presidente do CNC

O Porto das Artes entre As Letras

Eugénio de Andrade diz que “a cidade o que tem, sobretudo, é carácter - um carácter que faz do cidadão do Porto o mais belo estilo de se ser português”. Tem razão. A síntese é feliz e adequada, merecendo ser compreendida. E Sampaio Bruno, mestre de várias gerações de pensadores (como Leonardo ou José Marinho), afirmava que “no Porto, o pão tem de ser laboriosamente conquistado dos lucros do comércio”. Isto, enquanto Raul Brandão falava do Porto “filho do rio e do mar” e Jaime Cortesão recordava os portuenses que conquistaram “as suas liberdades palmo a palmo, em luta armada com os seus bispos, de quem a cidade fora senhorio feudal, e com os turbulentos fidalgos de Entre Douro e Minho...”. Desta forma se criou no Porto uma “verdadeira república urbana, como as suas congéneres da Flandres e da Itália”, distinguindo-se destas “pelo profundo sentimento de comunhão com que compartilhava as aspirações e os riscos da pátria maior”. Aí “burgueses e mesterais organizaram-se como classe e conquistaram as garantias de liberdade, sem as quais o trabalho se torna servidão e a vida perde dignidade”. E nessa luta ancestral, lembre-se o *Arco de Sant'Ana*, escrito por Garrett no Convento dos Grilos, após o desembarque do Mindelo, no cerco heroico que culminaria com a vitória da causa liberal em Évora Monte. Aí se ilustra, com laivos de metáfora, a insurreição popular contra um bispo barregão, no tempo do rei D. Pedro I. E em ambos os casos venceu a causa emancipadora. É este o burgo medieval que Garrett descreve, que dará lugar à “cidade comercial, civilizadamente cosmopolita” desenhada por Ramalho Ortigão.

CIDADE DE CAMILO. - Mas estamos ainda perante a “cidade de Camilo”, segundo Teixeira de Pascoaes. Lá está a janela do cárcere na Cadeia da Relação, lembrando Ana Plácido e a escrita inspirada e intensa do *Amor de Perdição*. E não disse Nemésio que o Porto era “a raiz territorial e étnica que deu crescimento ao país”? Afinal, a cidade não nos deixa indiferentes e foi sempre marcante na história portuguesa. Eugénio de Andrade lembra, por isso, três figuras que se tornaram, cada uma à sua maneira,

símbolos da cidade - Fernão Lopes, Almeida Garrett e Camilo. E se se fala do cronista de 1383, temos de ir ao Mestre de Aviz e a D. Filipa de Lencastre, ao Infante D. Henrique e a um tempo fundador na afirmação dos “factores democráticos na formação de Portugal”. Ao lembrar Almeida Garrett, temos de recordar a causa liberal, desde 24 de Agosto de 1820, a liderança de D. Pedro IV, o labor legislativo de Mouzinho da Silveira, o patriotismo dos irmãos Passos e a consolidação do constitucionalismo. E de Camilo fica o talento, a vida aventureira e a magnífica capacidade de dar as imagens marcantes de um período de heroísmo e de traição - numa sociedade rebelde contra privilégios, mas ciosa das suas tradições. E há ainda a cidade de Júlio Dinis, que retrata a cidade laboriosa e comercial, os jantares do Águia d'Ouro, os serões de Manuel Quintino, a agitação da Bolsa do Porto, o Teatro de S. João, onde se encontram Carlos Whitestone e Cecília...

Mas o **Porto** moderno e cosmopolita de hoje passa necessariamente por Serralves (que foi propriedade dos industriais condes de Vizela e de Riba de Ave - com arquitetura de Marques da Silva a Siza Vieira. O Porto se mantém fiel às “saudades do futuro”. Como diria ainda **Garrett**: «Nós os do Porto, podemos trocar os bês pelos vês, mas nunca trocamos a liberdade pela tirania». Parabéns a «As Artes entre As Letras»!

PORTO, DIFERENTE DE TUDO. - Por mim, poderia dizer, como Rodrigues Miguéis: “Alfacinha, tenho um fraco pelo Porto”. Pela liberdade, pela história e por sentir aqui as minhas origens. Lá está à beira da rua da Boavista, nas Águas Férreas, uma casa das minhas raízes antigas. De facto, o Porto é diferente de tudo. Sente-se-lhe a alma. Sente-se-lhe o inconformismo. Torga referiu-se-lhe como “velha e livre cidade”, com “uma saudável consciência gregária, uma solidez de processos de conduta e relação” - a “única

grande cidade castiçamente nossa”. E Ruben A. não podia dizer melhor da sua cidade ao proclamar, como exemplo vivo do que é ser-se do Porto - “que ensina ao homem os seus deveres cívicos e que lhe tributa direitos que não despreza por forma alguma, cidade extraordinária de consciência política no que de mais nobre tem esta palavra em ligação com o valor humano da pessoa integrada nas defesas da comuna”. Como esquecer o Porto de Agustina Bessa Luís, que invoca “uma paixão e um selo de resistência”? Toda a cidade tem “uma alma de muralha” - muralha, que infunde em nós uma doce tristeza europeia, um orgulho de atividade, um desenho de pompas escravas, um sonho económico, uma impraticável fé de liberdade”. A muralha fernandina lá está para atestar o carácter invicto da cidade - no Caminho Novo em Miragaia ou nos Guindais - mas também a torre medieval do solar dos Terenas e Monfalins, talvez morada do lendário Pedro Sem, na rua da Boa Nova, perto do Palácio de Cristal... Mas como não falar da Torre dos Clérigos do italiano Nicolau Nasoni? E como não lembrar o velhinho Palácio de Cristal, de inspiração britânica, cuja primeira pedra foi lançada por D. Pedro V, e que foi infelizmente demolido para dar lugar ao atual Pavilhão dos Desportos? No velho Palácio fotografaram-se os célebres Cinco - Antero, Oliveira Martins, Eça, Ramalho e Junqueiro - num dia em que Eça pagou com um leque representando cinco cães uma aposta perdida ao bilhar com a sua noiva D. Emília. E se falo de autores, tenho de referir livros e uma peregrinação imprescindível à Livraria Lello, na rua das Carmelitas, lugar mágico para acolher livros, ideias e pessoas - o que não permite esquecer as visitas para viciados à Académica, à Leitura ou à Modo de Ler... Mas o Porto moderno e cosmopolita de hoje passa necessariamente por Serralves (que foi propriedade dos industriais condes de Vizela e de Riba de Ave - com arquitetura de Marques da Silva a Siza Vieira. O Porto se mantém fiel às “saudades do futuro”. Como diria ainda Garrett: «Nós os do Porto, podemos trocar os bês pelos vês, mas nunca trocamos a liberdade pela tirania». Parabéns a «As Artes entre As Letras»!



Miguel Veiga
advogado

Por muitos anos e bons!

O sonho é o grande motor da história porque a pessoa é uma criatura desejante, essencialmente desejante. Assim, a verdadeira pátria dos homens é o seu desejo (Léon Bloy). Fui testemunha presencial e embevecida do sonho de Nassaete Miranda, do seu desejo de fundar e erguer no Norte e a partir do Porto, seu coração (*"a pátria dentro da pátria"* no dizer de Sophia), uma revista de modernidade cultural. E o que se apresentava como impossível, Nassaete Miranda, embora isolada e sem meios, tornou-o possível por força da sua incansável e determinada vontade e em virtude dos seus meritórios talentos, saberes e experiências. E foi assim que, contra ventos e marés, nasceu, cresceu e vingou esta, hoje nossa, bela revista quinzenal *"As Artes entre As Letras"*, cujo terceeiro aniversário festejamos jubilosamente.

Ela foi possível porque era uma utopia que correspondia a uma necessidade, filha do sonho materno de Nassaete Miranda. *"As mães são cada vez mais belas, sonham os filhos que elas levitam"* nas palavras de Herberto Helder.

Esta revista era de há muito, muito tempo, esperada e reclamada como necessária, essencial e urgente. A começar pelo Porto. Tão imperativa e culturalmente significativa quanto a reabilitação da baixa da cidade. Ambas, cada uma a cada uma, artérias do seu coração.



Salvato Trigo
reitor da UFPessoa

"É pelo sonho que vamos..."

São difíceis os tempos que correm para quem persiste em acreditar que a *literacia* é a maior aliada do desenvolvimento sustentado numa economia do conhecimento. O jornal - **As Artes entre As Letras** - resiste à fugacidade da espuma dos dias, à folia do olhar sem ver, do ouvir sem escutar, do fa-

lar sem dizer, e insiste em percorrer os caminhos libertadores e recompensadores da Cultura, agitando a consciência duma cidade, o Porto, que precisa de recuperar o lugar de referencial cultural que já foi o seu, para que o país volte a ter norte. Parabéns por mais um aniversário!

Esta revista traduz, exprime e reflecte, antes de mais, o Porto como a realidade de mais especificamente portuguesa no que ele tem de secreto e desmedido, de universal e intraduzível, de tradicional e libertário, de conservador e anárquico, e que, como escrevia o imortal Eugénio de Andrade, *"faz do cidadão do Porto o mais belo estilo do ser português"*. Esta revista, no seu conteúdo e na amplitude e diversidade cultural dos seus temas e colaboradores, abre um trajecto de que vai elaborando o roteiro, constituindo um território ao mesmo tempo que lhe faz o mapa. Constitui-se em matriz, assento e fonte de novas e insuspeitadas interpretações, de novos e insuspeitáveis contextos de leitura, de novas e futuras abordagens e investigações. Como seu devoto leitor sou, a par, um seu fiel admirador, bem como da sua directora e fundadora, Nassaete Miranda, que nela tudo dela arriscou, em estreita obediência à regra do nosso Padre António Vieira: *"Cinco dedos com uma pena na mão são o ofício mais arriscado que tem o género humano"*.

O risco é o exemplo e daqui saúdo e felicito o exemplo de Nassaete Miranda e da sua, hoje nossa, *"As Artes entre As Letras"*. *"A tout Seigneur tout honneur!"*

Sinto e sei que hoje o meu coração é justo e que o coração tem razões que a razão reconhece.



José Carlos Marques dos Santos
Reitor da Universidade do Porto

Cultura e cidadania

A comunicação social é, inequivocamente, um fator de desenvolvimento humano e de afirmação local, regional e nacional. A jusante da sua específica função informativa, os media atuam como instrumentos de cidadania ativa, ao proporcionarem a análise, o debate e a difusão pública de ideias que ajudam a construir um destino comum e reforçam o sentimento de pertença a uma determinada comunidade.

Por outro lado, a cultura constitui a trave-mestra da formação de qualquer pessoa, na medida em que permite o desenvolvimento de capacidades cognitivas fundamentais para uma melhor percepção do mundo, para um efetivo crescimento cívico, para uma melhor interação com o outro e até para uma mais fácil compreensão do conhecimento técnico-científico.

Por todas estas razões, deve louvar-se a criação do jornal *"As Artes entre As Letras"*, projeto jornalístico que completa agora três anos de atividade. O quinzenário superiormente dirigido pela Dra. Nassaete Miranda não só promove a afirmação da nossa cidade e da nossa região como funciona como um veículo de divulgação cultural, abordando áreas tão relevantes como a história e o património, as artes plásticas e a arquitetura, a música e a literatura, o teatro e a dança, a fotografia e o cinema, a ciência e o ensino.

Como reitor da Universidade do Porto não posso, obviamente, deixar de ser sensível a um jornal que privilegia a informação cultural no seu sentido lato, sobretudo quando o enfoque nas questões da cultura, da ciência e da educação é realizado a partir de um ponto de vista local. Ou seja, o conteúdo do jornal é determinado por uma mundividência eminentemente portuense e nortenha, o que contribui para a valorização do conhecimento que é produzido na nossa região. Há toda uma dimensão intelectual, científica e estética muito particular que ganha assim visibilidade pública e é trazida a debate por este jornal.

É justo enaltecer a determinação e a perseverança que deram origem ao jornal *"As Artes entre As Letras"*. Não se afigura fácil levar a bom porto um projeto de informação cultural que não cede ao efémero, não compromete o rigor editorial e não abdica da sua natureza localista. Resta-me, pois, terminar com votos de felicidade para a administração, direção, redação e restantes trabalhadores de *"As Artes entre As Letras"*, aproveitando ainda para desejar que o jornal aniversariante nos brinde com a sua atualidade cultural por muitos mais anos.



Isabel Ponce de Leão
professora universitária

Cortar o tempo

Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias, a que se deu o nome de ano, foi um indivíduo genial.

Industrializou a esperança, fazendo-a funcionar no limite da exaustão.

Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos. Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez, com outro número e outra vontade de acreditar que daqui pra diante vai ser diferente

Carlos Drummond de Andrade

Apeteceu-me este poema de Carlos Drummond de Andrade para celebrar o aniversário de quem se recusa a “entregar os pontos”, de quem se renova, de quem acredita no futuro e converte este seu espírito tenaz numa dádiva. Digo de um mimo cultural que concita *As Artes entre As Letras* atento aos mais deslembados e aberto a espíritos inovadores. Digo da alegria de viver, da vontade de fazer, do contorno de impossíveis. Digo de um futuro a haver cada vez mais seguro porque “o erro só é bom enquanto somos jovens. À medida que avançamos na idade, não convém que o arrastemos atrás de nós” (Goethe). Nestas pala-

avras de Goethe vejo o trajecto / projecto perseguido e a perseguir da equipa do já meu jornal, que sei persevera a “cortar o tempo”, levando em cada número os limites da ilusão. Ideais de beleza e de fraternidade à volta daquela *Távola Redonda* que um dia, não longínquo, por certo, o *Graal* mais intensamente iluminará. Na recusa do capelismo acrítico, da vaidade mundana, da aceitação inerte, da maledicência gratuita se vai construindo o futuro porque, quando tudo parece ruir, há “o milagre da renovação”. De facto, “quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias [...] / foi um indivíduo genial”. No próximo ano será, por certo, ainda melhor. Parabéns!



Guilhermina Rego
vereadora da Câmara Municipal do Porto

3.º Aniversário de As Artes entre As Letras

Em tempos de crise, em que todos os dias nos deparamos - nas notícias ou na rua - com a *morte anunciada* de um projeto, de uma fábrica, de um estabelecimento comercial, é muito bom poder também celebrar a *vida* - neste caso, os 3 anos de vida de *As Artes entre As Letras*.

Com um conselho editorial repleto de referências culturais de grande relevo nacional, e com uma empenhada e diversificada equipa de colaboradores, esta publicação quinzenal tem contribuído com liberdade e independência para a divulgação da cultura portuguesa. Numa época em que o visual e o audiovisual têm uma presença tão forte, principalmente junto das camadas mais jovens, torna-se importante defender a Palavra, e muito especificamente a Palavra es-

crita. A palavra escrita continua efetivamente a ser e a ter uma importância indiscutível para informar, questionar, partilhar, refletir, comunicar. O apostar num projeto fundamentado na palavra escrita, no início do século XXI, é um ato de coragem que desde já felicito.

As Artes entre As Letras têm-nos habituado a um debate de ideias independente, informado, abordando a cultura na sua riqueza e diversidade. O leitor pode aqui encontrar artigos sobre artes plásticas, literatura, fotografia, mas também património, arquitetura, cinema, passando por tantas outras áreas. A possibilidade de todas estas áreas não ficarem cada uma no seu habitat, mas cruzarem-se e provocarem-se umas às outras é também um desafio para este jornal.

Em nome da Câmara Municipal do Porto, e enquanto responsável pelas Áreas da Cultura e da Educação, agradeço o contributo de *As Artes entre As Letras* em prole da cultura e da educação e desejo que encontrem entusiasmo, motivação e empenho para dar continuidade a este projeto!



Francisco Laranjo
director da FBAU Porto

As Artes entre As Letras, ou como pensar nos alimenta

Acreditar hoje, mais do que nunca, é mais do que uma força que nos move, é talento de alguém generoso e bom.

Se pensarmos que, num mundo sem rumo que não seja o dia de amanhã a que às vezes, ironicamente chamamos “mercados”, cultivar a atenção pelos poetas e pelos artistas, e por aqueles que muitas vezes têm a sorte de que algum público mais atento lhes conceda o dom dos mais valiosos dons: o tempo! É grande motivo de regozijo para todos nós estes dedicados jornalistas e excelentes profissionais sob a superior coordenação de Nassalete Miranda que nos espanta como consegue estar atenta a tudo o que vale a pena, desprendida de vedetismo ou mundanidade, é registo que não nos pode, nunca, deixar indiferentes. Não chegam as felicitações por mais um tão significativo aniversário, é necessário muito mais que apagar as velas de um bolo que todas as quinzenas nos oferece para o fazermos! Não chegam os abraços que sentidos lhe endereçamos, mas a vénia pela sua tenacidade, elegância de olhar o país que tão bem conhece e, sobretudo a região norte desse mesmo país, fragmentado exceto por estradas em prolíferos nós e entroncamentos com portagens que só pela cultura, lhes desculpamos tanto no rodoviário em faixas que não sendo paralelas, são mais do que isso: coincidentes. Vamos sempre ao mesmo destino pela fatalidade da direção.

As Artes entre As Letras veem, como algumas raras publicações que não se reveem nela mesma, como mensageiro do inconformismo, quanto de boas novas de gente de caráter que pensa e que sonha para lá do que pensamos possível, e ao alcance dos mais atentos interessados no mundo maior que pareceria mais pequeno.

Veem ao encontro de um eco que só tem eco em quem o coração acredita, para lá de toda a circunstância, e para lá de um momento que, para quem não o viveu, seria como se não tivesse existido de verdade.

Parabéns Nassalete e a toda a equipa que cumpre mais do que um dever cívico, um dever indeclinável de não desistir de acreditar num rumo, numa sociedade mais livre, mais informada, mais solidária e mais humanizada, pela cultura.



Mário Pinto
professor universitário

O 'Artes' vai apagar três velas!

De forma paulatina, ao ritmo cadenciado de dois exemplares por mês, a fim de propiciar melhor deguste dos seus saborosos conteúdos, assim nos foi chegando o 'Artes' (como em carinhosa 'braquifonia' o designamos), até este número comemorativo, o septuagésimo quinto. Entretanto, três anos passaram.

Três anos ao longo dos quais o postulado de Dovifat ("Aquel que se disponga a escribir en un periódico tiene, ante todo, que cuidar de hacer la lectura interesante y atractiva.", objetivo cuja consecução passa pela "concisión, claridad y una construcción que capte la atención") foi sempre escrupulosamente cumprido pela vasta pléiade de autores que nele colaboraram, com textos que nos reconciliam com a leitura do jornal, destarte fazendo jus à vertente de jornalismo cultural que é a sua. Desiderato concretizado sem no entanto prescindirem do 'estilo claro' preconizado por Núñez Ladevéze ("rapidez de lectura, mínimo esfuerzo posible de interpretación, máxima concentración informativa") nem incorrerem no erro de serem pesados ou superficiais. Postura merecedora dos maiores encómios e que deve ser exalçada. Mas três anos constituem também um lapso temporal assaz amplo, que, dependendo do contexto epocal a que se reporta, tanto pode indiciar algo evanescente, porque fruído em onírica fugacidade, quanto, nos antípodas, uma eternidade, precipuamente se vivenciado em tempos fragosos como os coevos, premonito-



Beatriz Pacheco Pereira
directora do Fantás

Parabéns!

Quando se trabalha em Cultura em Portugal e nas circunstâncias actuais, só há duas atitudes. Remar com todas as forças contra a maré da incompetência, da incompreensão e do desprezo dos mediócras. Ou desistir. Nassaete Miranda é uma lutadora que ama, sofre, esperneia, dá tudo pelos seus

riamente descritos por Baptista-Bastos² como uma "época em que a tolerância, a honra e a bondade est[ão] desempregadas".

E foi num mundo com este pendor "duro e aquisitivo", em que, nas palavras do autor, pontificam a "violência, ganância, competição", que nasceu – e, não obstante tão pouco auspicioso entorno, tem florescido – o bimensário que, *hic et nunc*, celebramos, testemunho de uma regularidade que só à persistência da sua directora (o seu esteio-mor) devemos.

Com efeito, é a Nassaete Miranda – a quem com plena propriedade se podem aplicar as palavras autobiográficas de outro transmontano ilustre, Torga³: "Sou, desde que me conheço, uma pessoa discreta e afectiva. Sei o que valem as ideias, mas nem de longe as equiparo aos sentimentos." – que, sem alpondras de que se socorrer tem enfrentado e superado o impetuoso caudal de sobressaltos em que a nau da cultura sempre navega, devemos esta indizível fruição quinzenal.

Razão sobeja para a merecida homenagem que em jeito de voto aqui deixamos: Longa vida, Artes!

NOTA

- ¹ *El lenguaje de los "media"*
Introducción a una teoría de la actividad periodística, 1979, Ediciones Pirámide, Madrid, p.194.
- ² *Elegia para um Caixão Vazio*, 1987, Ed. O Jornal, Lisboa, p.63 (3ª ed.).
- ³ *Diário XV*, 2001, Círculo de Leitores, Lisboa, p.1485.



Ramiro Teixeira
crítico literário

Infundáveis e imprescritíveis são os desígnios!

Quem, faz três anos atrás, acreditava no percurso d'As Artes entre As Letras até aos dias de hoje, para mais ou para menos, nascida nos idos de Maio de 2009, em plena crise financeira e política?

Diz Fernando Pessoa num verso célebre, que Deus quer, o homem sonha e a obra nasce...

Pois se o homem sonha, a mulher, no caso, faz, realiza e afirma-se num projecto que até por ser de raiz cultural, em tempo desajustado e impróprio para aventuras desta natureza, parecia condenado a um fogacho, tanto mais que se configurava como uma prova de desforço em relação à traição de que provinha. Porque a verdade é esta: As Artes entre As Letras nasce da extinção, para muitos inexplicável, do suplemento de «O Primeiro de Janeiro», Das Artes das Letras!

Decerto que experiência não faltava à líder que lhe deu o ser durante nove anos. Uma coisa, porém, é a experiência ou o saber feito, que já diziam os nossos quinhentistas era a madre dos cousas, e outra era o de navegar em nova rota, com outro navio, tripulação e cabedais capazes de sustentar a aventura. Principalmente, os cabedais em ano(s) tão tormentoso(s)! Como Nassaete Miranda o conseguiu, não sei! Mas imagino o percurso que teve de calcorrear, mais a sedução ou o encantamento que teve de improvisar para assegurar os ditos cabedais na fase inicial, perante mecenas ou a passar por isso e um público abstracto, escolhos que ainda hoje seguramente persistem, ainda que, porventura, em navegação mais facilitada por esta cabotagem de três anos.

Seja, porém, como for, o ser está feito, vivo, persistindo no cabaz de sonho de quem o criou e acalentou ao longo deste trajecto, ao qual especialmente o público português não pode ficar indiferente, não porque, em rigor, ao burgo diga apenas respeito; mas porque do burgo nasceu para navegar em descoberta e afirmação cultural sem fronteiras, regionalismos, condicionantes, entrelaçando, entre vivos e mortos, caminhos porventura interrompidos, revistos, renovados, aproximações polissémicas, etc., destituídos de qualquer dogmatismo – o que equivale a dizer que nesta singular publicação se referenciam existências e obras culturais que, se no seu todo não ascendem ao universal possuem o objectivo de atingi-lo.

De forma que é assim:

Fez-se o ser e adubou-se com tudo o que ele requeria: amor, carinho, afirmação e o mais que advém. E ele aqui está, afirmando-se no caminho que lhe cabe por natureza e, como tal, caindo e levantando-se por exigências que nem de todos são perceptíveis, mas quase diria feroz na determinação de existir num tempo e num espaço que não lhe é de feição.

E tanto ou mais do que isto é a visão apaixonada, mas segura, de quem lhe tem dado existência: a de Nassaete Miranda.



Eugénio Lisboa
escritor

Semear no Espírito dos Outros

As *Artes entre As Letras* fazem, não 75 anos, mas 75 edições. É obra, em todo o caso! Num período de crise assassina, como é este que atravessamos, no qual os políticos se marimbam royalement para a cultura (que não sabem o que seja) e esta não tem dinheiro por causa das tropelias que os economistas andaram a cometer (sem serem, por isso, punidos, sendo, antes, principescamente premiados pelos estragos que fizeram), num período assim, lançar, promover, manter e tornar sempre de melhor qualidade um quinzenário cultural é uma odisseia bem mais digna de registo e de canto celebrativo do que aquela que Ulisses deu como alimento poético a um bardo cego e não muito exigente. Também o *JL* tem galhardamente sabido sobreviver, não a uma, mas a várias crises, sem nunca faltar à chamada, uma vez que fosse. Isto, sim, é matéria de registo e de epopeia, bem mais do que, por exemplo, uma estúpida guerra de dez anos, a fazer milhares de mortos, porque uma mulher sentiu alguns calores, fora do leito conjugal - seguindo-se-lhe a edificante viagem de um marido esperto e consideravelmen-

te adúltero, que mata, no regresso, os pretendentes ao amor adúltero da mulher, que fora absurda e prolongadamente fiel... Não estou a negar o talento de Homero - nem sequer sei grego! - estou só a ridicularizar a matéria que deu origem ao seu alevantado canto. Malraux achava a *Iliada* "idiota" e Valéry concordava, mas achava a *Chanson de Roland* ainda pior... Sobre a *Odisseia*, não se pronunciaram, que eu saiba, provavelmente por lhes não ter sobrado pachorra para a lerem.

Seja como for, quero só saudar a Dra. Nassalente Miranda e a sua valorosa equipa a que, erráticamente, vou dando uma ajudinha modesta, não tanto quanto quereria, porque tenho obrigações antigas com o *JL* e não gosto de me derramar em prosa incontinente e, conseqüentemente, de densidade gradativamente decrescente.

Confesso que não escrevo este textinho para ter a ingenuidade de meter brios algum mecenas mais distraído dos seus interesses imediatos, ao qual a minha prosa traquinas se pusesse a fazer passes de mágica. Nada disso. Os nossos homens endinheirados não costumam, por via de regra, deixar-se enfeiti-

çar pelos agentes culturais nem pelos produtos que a cultura põe no mercado. Os horri-veis mercados também não. Mas vou, ainda assim, dizendo que, "lá fora", os homens do capital costumam pensar um pouco na posteridade e, assim pensando, chegam à conclusão de que uma das vias mais seguras de a garantirem é o patrocínio das Artes e das Ciências. Rockefeller e Paul Getty, por exemplo, foram dessa opinião e a aposta saiu-lhes bem. Quando algum magnate lusíada fizer como o Calouste Gulbenkian ou o Champalimaud e sair um pouco da província mental em que habita, talvez possa começar a fazer chover sobre as prestimosas obras que fazem a sementeira da cultura algumas benesses que irão dar fruto tanto em quem as recebe como em quem as dá.

Dizia uma senhora condessa qualquer que "se chama espírito cultivado um espírito no qual se semeia o espírito dos outros." É isso mesmo que tentam fazer publicações como este quinzenário feito no Porto e divulgado por todo o país: semear nos espíritos o espírito dos outros. Merece atenção, carinho, mas merece, sobretudo, ajuda.



Maria Luísa Malato
professora universitária

Da Identidade Jurídica à Identidade Estética

"- Eu!" Nascemos de novo quando somos capazes de o dizer: "- Eu!" A criança que até então existia do ponto de vista físico, a mesma que, do ponto de vista jurídico, pode herdar ainda no ventre da mãe, só se dá conta da força que já tinha quando diz que a tem: - Eu não quero, eu não gosto, eu digo, eu vou. À nova capacidade de falar na primeira pessoa se associa a consciência da sua vontade e doravante da sua sempre relativa autonomia. O gosto de dizer "eu" é o gosto de ser "eu". Antes

desse gosto o que existe não existe para nós, a não ser como memória de uma lagarta que perdeu o casulo antigo e abre as asas tenras. Não será por acaso que, quando fazemos três anos, perdemos muitas vezes a memória do que sentimos antes: é porque sentimos agora de maneira diferente. A estética é a nossa capacidade de explicar o que sentimos, e porque sentimos. Antes da identidade estética só possuimos estado de anestesia. Chamamos-lhe Idade do Ouro. Nietzsche diz que nos en-

ganamos, porque só há vida através da arte. Tinha sem dúvida razão. O resto é um cão feliz que não sabe que é feliz. Só vivemos quando nos aproximamos de nós partindo dos outros, quando descobrimos em nós um ser criativo que vai e volta do Ele ao Eu, capaz de ser ao mesmo tempo individual e coletivo e tanto mais coletivo quanto mais individual. Assim se vai tornando o «Artes entre As Letras». Um Jornal Cultural que quer explicar as muitas formas de sentir, num tempo em que a cultura é muitas vezes vista como adorno luxuoso. O Jornal é um Ele, essa paisagem do mundo em que nos movemos. Mas a Cultura é um Eu, esse bichinho álcere que pede a cada um de nós a ousadia de sermos poetas se quisermos simplesmente ser.



J. Esteves Rei
professor universitário

Sob espírito liberal e ao jeito romântico

«As Artes entre As Letras» celebra o seu terceiro aniversário. A medida do tempo, porém, é enganosa. Pois os instrumentos e as cronologias não coincidem entre os homens e, sobretudo, não leva em linha de conta nem o esforço, individual e coletivo, no seu preenchimento nem a obra que dele resulta. Que faço eu do meu tempo? Que fazemos nós do nosso tempo? A resposta é dada pelo conteúdo da palavra “cultura” - minha, nossa, do momento, que nos é dado viver.

Um aniversário é marcado por dois olhares, saídos de dois rostos que olham em sentidos opostos. Recebem e projetam, assim, conhecimento duplo: do passado e do futuro, de dentro e de fora, de nós e dos outros. Qual Jano do nosso Lácio cultural, «As Artes entre As Letras» já adquiriu nele um lugar distinto e imprescindível.

Simboliza hoje, sob a “visão” da sua diretora, Nassaete Miranda, a vontade de apropriação esclarecida da realidade envolvente de cidadãos, cujos “espíritos se encontram ligados pela fraternidade, desde o século XIX”, na expressão de Guerra Junqueiro. (“Nota”, *Obras. Poesia, Lello e Irmão*, 1972: 315). Por isso, assim, reza o poeta: “Senhor! que este seja o derradeiro exemplo! / Que o espírito do bem

possa dizer: Enfim! / Não pesa já na terra o crime de Caim; / O homem é um irmão, a humanidade um templo.” (ib.: 99).

Mas um aniversário é também um momento de festa, de autoestima e de (re) construção da unidade de cada um na diversidade de todos, dos temas às escritas, dos lugares às viagens, dos valores às produções. Com efeito, ainda sob o espírito e a letra junqueirianos, é preciso “ter a consciência e o orgulho do seu valor”, esse “soberbo asserto”, registado por Luís de Magalhães no prefácio à epopeia do Mestre, “Prometeu Libertado” (ib.: 1018)

Seja pois a liberdade de pensar e de operar a rede que se estende debaixo do trapézio da ação e da escrita, sob o espírito liberal e ao jeito romântico de uma enorme plêiade de cultores d’ «As Artes entre As Letras», desde os séculos XIX e XX, em Portugal e no estrangeiro. Deste modo, aos leitores, aos colaboradores e, sobretudo, à diretora do jornal, recito os versos seguintes como memória, passada e futura:

“A Vitor Hugo [...] / Eu canto a liberdade, odeio a hipocrisia, / Odeio o servilismo, a escravidão fatal; / Que chegue até ti meu brado, o brado que te envia / uma alma franca e livre: é livre Portugal!” (ib.: 68)

Parabéns ao «As Artes entre As Letras» e à sua Direção.



Maria Manuela Aguiar
ex-secretária de Estado

Singular Aventura

«As Artes entre As Letras», ao completar três anos de convívio entre os seus cultores e os destinatários, três anos de uma singular aventura, começada a norte, dirigida a Portugal inteiro, e olhando o mundo mais vasto da Lusofonia, bem merece que digamos à sua Directora, e a todos os colaboradores, em palavras breves mas sinceras, o significado que tem para nós.

A continuidade do projecto jornalístico que Nassaete Miranda ousa levar por diante, e a sua qualidade e sucesso, dão-nos uma razão para acreditarmos que há vida e futuro para o País - sobretudo pela Cultura, pela coragem de a defender, de lhe garantir um espaço de visibilidade e fruição. O que no momento que atravessamos assume enorme importância. Porque a Cultura



Albano Martins
poeta

Um brinde

A passagem do terceiro aniversário do jornal «As Artes entre As Letras», que hoje se assinala, merece um *hurrah* vibrante e uma taça quente de espumante. Ou, se preferirem, um copo bem medido de *barca velha*. E merece, também, um hino de louvor, cadenciado e sonoro. De louvor pela persistência, a inteligência, a coragem.

Herdeiro do sempre lembrado e proficiente suplemento «Das Artes, das Letras», de «O Primeiro de Janeiro», o jornal «As Artes entre As Letras» prossegue a linha de rumo traçada desde início: a devotada atenção à cultura, nas suas diversas manifestações. Haverá, porventura, aspectos a corrigir, melhorias a introduzir, caminhos novos a trilhar. Não se pode, entretanto, negar esta realidade: o jornal constitui, hoje, uma presença assinalável no quotidiano cultural não apenas da cidade, mas das nossas vidas, dominadas pelo espectro da indigência, a todos os níveis: intelectual, moral, económico, social, cultural.

Deixo um abraço de parabéns à equipa que, quinzenalmente, às quartas-feiras, nos oferece, enxuto, o jornal, especialmente à sua Directora, e brindo pela sua longevidade, que é também, naturalmente, a de quantos, denodadamente, lhe dão corpo e carácter.

cada vez mais representa o horizonte de grande esperança e emoções. É certamente mais neste domínio do que em qualquer outro que hoje nos podemos ver como iguais a nós próprios, capazes de avançar, continuando a História... E esta feliz dimensão de nós, como portugueses, como lusófonos, está sempre presente nas páginas que o jornal nos oferece, de 15 em 15 dias!



Filomena Cabral
escritora

Memória futura

Perseverando na ideia de que todos somos poucos para divulgar e pensar o mundo da criação tendendo para o inconciliável, Nassalete Miranda dirige e produz «As Artes entre As Letras», de excelente grafismo e conteúdo, em terceiro ano de edição. Detenhamo-nos no pormenor incomum de ter decidido a jornalista e Amiga encarar o projecto em permuta activa, harmonizando vozes, não raro dissonantes, para futura memória: sabe, por experiência, que a constância na actividade, dado o anseio de homens e mulheres das artes e letras, deixou de garantir respeito, ainda que cumprido um projecto de vida. Insiste-se em conceder um lugar central à ideologia - enquanto filosofia espontânea de literatos, tantas vezes -, embora a literatura, longe de ser um recalçamento do político, esteja, pelo contrário, condenada a ser forma de discurso político no interior de um modelo retórico, pelo que poderá ser considerada a linguagem como um todo, em que o saber é uma unidade fundamental obrigando a um horizonte de totalidade, à distinção problemática entre o verdadeiro e o falso, como se estes correspondessem a certo e errado, enquanto necessidade prévia, indispensável. Chegamos assim, creio, à sublimação do contingente no universal, remetendo, inevitavelmente, para a História - sucessão de efemérides.

A actualidade desvincula-se, cada vez mais, da relação com o tempo, talvez pela ausência de fundamento para pôr em prática a nostalgia de experimentar: de abismo em abismo, indaga a origem inatingível; a negatividade absoluta implica um horizonte de verdade, horizonte perdido, que apenas se apresenta

como ausência. Nessa ausência que procura a alusão, Kierkegaard considerou a constitutiva da ironia, pois surge sobretudo como referência ao fragmentário, este só faz sentido em relação à totalidade que o sentido nostálgico da ausência parece possibilitar.

Por inseparável quase sempre da denegação, a ausência leva a pontos de fuga: é nessa construção que se dá a metamorfose, pela sujeição a um sistema de oposições, o que rapidamente conduz à aberração de tentar encontrar no presente, exigindo, a antecipação do futuro desejável que, presumimos, é irreconhecível; o futuro absoluto não é da ordem do garantido nem do calculável.

Quando iniciado um projecto literário ou político, intentando nele encontrar um sentido para a vida ou para a comunidade, é inevitável um jogo de diferenças. A diferenciação das vozes - sempre a mudar - põe em discurso força desconhecida, pelo que o dizer se torna pulsação do acontecimento ou inquietação das formas, um movimento em que a deformação, «envio de envio», «testemunho de testemunho», assinala a proliferação de tonalidades, uma ferida profunda traçada pelo conflito da desmistificação, enquanto denúncia de toda a ilusão de continuidade, da sedução exercida pelo sujeito do enunciado - aquele que diz «eu» -, tarefa de alguns, seja o sujeito um poeta ou um político, sobretudo se o emitido parece encontrar-se: o político, quando refém de um enunciado idealista, apedreja-se, do mesmo modo o poeta que racionalize.

E, no entanto, «nada, seja acto, palavra, pensamento ou texto, acontece em relação posi-

tiva ou negativa com algo que o preceda, siga ou exista, em qualquer outra parte, mas apenas como evento fortuito, cujo poder é devido à contingência do seu ocorrer». Não há passagens, armadilhas, que tornem síncronas a ruptura e a continuidade. Apenas a manifestação da ilusão, susceptível de ocorrer com a análise séria, procederá a inevitável «recuperação estética e histórica». Nenhum grau de conhecimento conseguirá, no entanto, impedir a impetuosidade das palavras, seja em que área for.

Qualquer texto, pela eloquência, simulará remeter a filosofia para o domínio do ideológico, por processos díspares que incluem tanto a argumentação como as associações inesperadas, desde logo indissociável de um modelo em que o pensamento do mundo, como sistema de relações, se verifica na conjugação da descrição do estado das coisas, pela afinidade necessária com o actual, constituído este, pela eternidade do infinitamente possível e pela efemeridade das formas, a mudança histórica como condição da vida, ou da realidade. E nisto estamos.

Nassalete Miranda, experiente no concreto do mundo e da escrita, bem o conhece. No convívio de seres predestinados à inquietação, os criadores, fundamentou um projecto editorial feliz. Os meus sinceros parabéns.

Destaque-se - na efeméride de um projecto dinâmico entre «Letras e Artes», - local emblemático da cidade do Porto, a Fundação Engenheiro António de Almeida: ao longo de décadas, recebeu e acarinhou o melhor da região norte e mais além, estabelecido relacionamento visionário com o longínquo.



Amândio Secca
presidente da
Direcção da Cooperativa Árvore

3.º Aniversário do Artes entre As Letras

Há já alguns anos li uma entrevista em que um jovem criador afirmava que em Portugal é muito difícil lançar projectos culturais e, quando estes se mantêm por um espaço superior a três anos trata-se de um verdadeiro milagre.

Pois bem a Dra. Nassalete Miranda com o

seu projecto «As Artes entre As Letras» está a atingir esse milagre, milagre que é uma consequência directa do muito trabalho e empenho que ao mesmo dedica e também da ambição em tornar este seu projecto uma referência cultural do nosso país.

O «Arte entre As Letras» está a ganhar a tal

referência que só o trabalho com qualidade e ambição conseguem atingir.

Precisamos de publicações que à causa da cultura dediquem especial atenção até porque deve ser um desígnio nacional apostar na cultura, a par do ensino, da investigação e da inovação, como forma inteligente de ajudar o desenvolvimento social e económico de que tanto necessitamos.

Parabéns ao «Artes entre As Letras» e à sua directora Dra. Nassalete Miranda pela aragem salutar em que nos envolveu e o meu voto para que continue na luta, sem desânimo, que iniciou há três anos.



Castro Guedes
encenador

O Tri do «As Artes entre As Letras»

Fazer cultura em Portugal não é nada fácil: curta é a massa crítica existente e, mesmo nessa, há quem ponha arte e cultura (sobretudo se perecível) em segundo plano, contaminado pelo consumismo desenfreado. Recordo-me sempre de um professor universitário inglês que veio a Portugal encontrar-se com alguns dos seus pares, final dos anos 70, e ficou espantado com o nível de vida dos seus colegas portugueses, olhando-lhes o vestuário, os carros e o recheio das casas. Mas quando ao jantar manifestou vontade de ir a um teatro, um bailado ou uma ópera, não ficou mais espantado com a raridade da oferta, mas sobretudo com os tais colegas lhe dizerem que era muito “caro”, quando ele gastava (mesmo na proporção dos custos de vida) quatro ou cinco vezes mais em Londres: os sapatos dele estavam meios cambados, mas de ir a um espectáculo ou de comprar livros é que ele não prescindia.

Fazer cultura em Portugal não é nada fácil: o poder político, salvo raras e honrosas exceções, olha-se para a coisa cultural como um enteado pobre ou mesmo um mendigo a quem se dá, à distância, um prato de sopa da véspera. Em Leiria, por exemplo, há um estádio de futebol às moscas que custou milhões e

milhões e cuja manutenção do edificado é mais do que seria o custo de uma companhia de bailado ou de teatro profissionais; e que eu saiba não há lá nenhuma. Para já não ter de falar na vergonha das vergonhas de um Orçamento de Estado com 0,1% para a cultura, do qual cerca de 70% da verba é autoconsumida pelo funcionamento da tutela!

Fazer cultura em Portugal não é nada fácil: muitos (senão a maior parte) dos próprios fazedores julgam-se cada um por si o mais importante, dividem-se em “capelas” e são de um sectarismo cego para com tudo que não esteja conforme aos seus cânones e/ou aos seus lóbis, ainda por cima deslizando em silêncio, sem ao menos haver diálogo e confronto críticos.

Por estas três dificuldades, um quinzenário de artes e letras que chega ao 3.º ano de vida com a mesma abertura de espírito e abrangência (temática, estética, ideológica) e sobrevive... Não é de saudar apenas. É de abrir a boca de espanto e, sem exageros, exaltar quem o faz e nele acredita. Parabéns é banal, obrigado é pouco. Merece uma enorme ovação intelectual que se prolongue por muitos triénios.



Daniel Serrão
médico

A contrariar os ditos

O Porto e o Norte não são um gueto cultural, nem nas artes nem nas letras. A história da cultura em Portugal garante a verdade desta afirmação.

O centralismo político que resultou do regime autoritário do chamado Estado Novo, criou um novo estado de coisas na cultura que convenceu os artistas e os criadores literários de que só teriam sucesso e visibilidade se estivessem no centro; que

é como quem diz no que se chamava a capital do Império.

Como o império acabou às mãos dos responsáveis pela instauração de um regime democrático que, por natureza, é descentrador, ficou aberta a via para todas as iniciativas nacionais, seja qual for o seu ponto de partida, no centro ou fora dele.

O nosso quinzenário, «As Artes entre As Letras» si-



Helder Pacheco
historiador

Prova de destemor

Nestes «tempos de angústias e renúncias» (como escreveu o poeta catalão Miguel Martí i Pol), acrescidas do mais desenfreado centralismo, a que só falta censura prévia para ser totalitário, manter um jornal cultural fora da Capital do Império, falida mas convencida, é prova de destemor.

Destemor, inquietude e, se calhar, inconsciência. Porque, nos tempos que correm, em que o cifrão vale muito mais do que a obra completa de todos os poetas mortos (e dos vivos - salvo os pertencentes a confrarias -, é melhor nem falar), nos tempos que correm, dizia, é mais fácil, cómodo, prático e paga menos impostos não fazer nada. Não bulir, não mexer, não dar sinais vitais de qualquer actividade porque, um dia destes, desde que mexa e, sobretudo, pense, é logo incluído em artigo de luxo com IVA máximo.

Enfim, este é um escrito de tempos desesperançosos de um «idealista sem ilusões» (como escreveu John Fitzgerald Kennedy). Mas, como ainda há quem resista, da minha varanda com vista sobre o rio e o mar aqui envio um abraço de felicitações às formigas-obreiras do «Artes entre As Letras» pela perseverança em, através dele, ir mantendo este país «ainda habitável e poético» (como escreveu Marc Guillaume) e esta cidade ainda com uma voz e um espaço de liberdade não tutelada pelo Império, para divulgar aquilo que por cá se vai fazendo ou acontecendo.

tua-se neste contexto: é um jornal cultural nacional, dirigido a todo o País, a partir do Porto. Como muitos outros no passado recente.

Tem todas as condições para cumprir a sua missão nacional: é moderno, arejado, ao mesmo tempo singular e plural, aberto aos criativos mais arrojados e aos clássicos mais serenos.

Os meus parabéns por este aniversário.



Carlos Fiolhais
professor universitário

Três anos de «As Artes entre As Letras»

O tempo tem muita pressa. Foi o que pensei quando recebi o convite da Nassalete Miranda para a festa do 3.º aniversário do jornal cultural *As Artes entre As Letras*. Ainda outro dia assistíamos, com a saída do número um, ao parto, e já temos a criança, desenvolta, no jardim de infância, qualquer dia a entrar para a escola. Está a crescer e a aparecer. Precisa, claro, de mais alimentação e mimos, mas vai crescer ainda mais.

Tão pouco tempo volvido e já *As Artes entre As Letras* ganhou um lugar destacado no nosso panorama cultural, um lugar que é reconhecido por todos que o têm visto crescer e aparecer. Como, afinal, as publicações crescem bem mais rapidamente do que as pessoas, o jornal pode já ser considerado adulto, pelo lugar que alcançou no espaço público. Hoje não se pode ter uma ideia do que é a cultura portuguesa, es-

pecialmente a norte, sem o ler com a devida atenção. É um jornal que reflecte a cultura e faz cultura, verdadeiramente imprescindível num tempo de crise.

A cultura é vista pelo jornal no seu sentido mais amplo, que é o único que hoje faz sentido. As artes em geral mas também as ciências são parte da “cultura humana” (a expressão, título de um livro do filósofo espanhol Jesús Mosterín, parece pleonástica, mas reflecte o moderno conhecimento científico de que outros seres vivos, com quem partilhamos muitos genes, são capazes de manifestações culturais). Na sociedade humana contemporânea, bem mais do que ontem, artes e ciências convivem, informando-se e enriquecendo-se mutuamente. Longe vamos dos tempos da polémica das “duas culturas” do literato e cientista C. P. Snow. Ao contrário do que essa refrega sugeria, a cul-

tura humana não são duas, mas uma só. Pese embora a pluralidade das suas formas, a origem e o destinatário dela é sempre o ser humano. Foram as artes e as ciências que ajudaram o homo a ficar sapiens. O dramaturgo e poeta romano Terêncio não perdeu actualidade: *Sou homem pois nada do que é humano me é estranho*. Por outro lado, tem-se alargado a ideia de que sentimentos estéticos estão no âmago não só das obras artísticas como também das obras científicas: na ciência, reconhece-se muitas vezes o verdadeiro apenas porque é belo.

Parabéns à Nassalete Miranda, que tem liderado a equipa que tem feito crescer o jornal. Parabéns a todos os colaboradores. Eu próprio, que, por férias sabáticas, tenho andado arredio da colaboração regular, prometo voltar em breve, para ajudar a promover o convívio entre as artes e as ciências.



Rudesindo Soutelo,
compositor
e mestre em Educação Artística

Quadratura do círculo

Leio no livro póstumo de Claude Lévi-Strauss, *A Antropologia face aos problemas do Mundo Moderno*, que, depois do humanismo aristocrático do Renascimento e do humanismo burguês do séc. XIX, a antropologia marcou o surgimento dum humanismo democrático que apela à reconciliação do homem e da natureza, num humanismo generalizado. Lê-se, também, de que a primeira exigência que se impõe às sociedades humanas é a de se reproduzirem, de se manterem no tempo ultrapassando a sua própria existência, dito de outro modo, de transcender. Toda a civilização implica dois princípios que se opõem e complementam, a ordem e a desordem, a cultura e a sociedade. A cultura fabrica a ordem e consiste no conjunto das relações que as pessoas duma civilização dada mantêm com o mundo.

Mas no passado dia 9 de maio leio na revista Sábado que uma professora foi despedi-

da por ensinar demasiado, seguindo a recomendação de um inspetor do Ministério espanhol da Educação, que considerou que os alunos “têm um nível demasiado alto para uma escola pública”. Os professores sabem que isto não é uma anedota, antes uma realidade que se impõe, “a desvalorização contínua do que outrora constituía a maturidade das pessoas e do que fazia o encanto da criança, substituídas por uma eterna adolescência retardada”, que diz Anselm Jappe em *Sobre a Balsa da Medusa: ensaios acerca da decomposição do capitalismo*. E acrescenta: “Este capitalismo pós-moderno representa a única sociedade da história a ter promovido uma infantilização em massa dos seus membros e uma des-simbolização em larga escala”.

Resta bem pouco daquele humanismo democrático que enunciava Lévi-Strauss. Neste século XXI infantilizado pela indústria do en-

tretenimento, eufemisticamente designada por ‘cultural’, a transcendência foi banida e a cultura já não fabrica ordem mas sim uma letargia submissa. Escrever, pois, hoje, de Artes entre As Letras vai contracorrente e manter três anos consecutivos - triângulo perfeito -, um ritual de celebração quinzenal é uma heroicidade que agradecem tanto os colaboradores como os leitores. Mas neste aniversário não apaguem as velas, porque o caminho que temos pela frente é cada vez mais obscuro.

Os nossos opostos complementares são harmonizar o espírito e a matéria, numa vontade de resistir a esta crise do humanismo generalizado e que o poder político e mediático nos disfarça de crise financeira. Conjugado espírito e matéria, céu e terra, círculo e quadrado, foi o que Leonardo da Vinci - humanista esclarecido - representou no Homem Vitruviano e, assim, no próximo ano, transcendemos a quadratura do círculo. Parabéns!



António Fournier
escritor

Posta restante

(no terceiro aniversário do jornal «As Artes entre As Letras»)

Fazer parte de um projecto colectivo é como andar de comboio, é ser-se passageiro, com os seus afazeres e actividades e partilhar uma parte do tempo com todos os outros passageiros, avançando em simultâneo na mesma direcção, em função de um destino comum. O comboio continua a deslizar sobre carris, não há que enganar, é uma aventura limpa e crescente, uma ideia peregrina que se consolida com o passar do tempo, adquire peso e lugar no mapa: torna-se um meio de transporte regular de ideias sobre arte e letras, que se passa a aguardar pontualmente que chegue a seu destino, com a sua preciosa mercadoria. Há estações intermédias, há passageiros que se apeiam e outros que entram ao longo do percurso. Há sobretudo a viagem. E se a viagem em si é eterna, mudam sempre os viajantes. Essa momentânea sincronia de intenções - fazer a viagem juntos, muitas vezes sentando-se ao lado de um perfeito desconhecido com quem se partilha a breve aventura - é gratificante, pois, como acontece com qualquer

viagem, por mais pequena que seja, à chegada já não somos iguais a como éramos à partida. A viagem muda o viajante. Especialmente para quem vive fora de Portugal participar num belo projecto como este é também uma forma de manter-se ligado à terra, de sentir-se parte activa de um todo maior, como um astronauta suspenso no espaço com o cordão umbilical ligado à nave-mãe de onde provém o oxigénio de que necessita para sobreviver. Daqui, de "longe", é-nos permitido escrever cartas na nossa própria língua num território às vezes árido em que se fala outra, e com isso retribuímos a nossa relação com a pátria afectiva numa forma virtual mas intensa de partilha e reencontro. Isso acontece quinzenalmente quando o comboio chega ao seu destino e vamos esperá-lo à estação para recolher a posta restante. E é sempre estranho, quase esquizofrénico, encontrar entre as cartas e as notícias frescas que chegam do nosso país, o nosso próprio nome, numa carta que escrevemos a nós mesmos, para nos recordar quem somos.



António José Queiroz
historiador

Contra a maré

Num tempo marcado pela resignação e até mesmo pela desistência, a celebração do terceiro aniversário de uma publicação cultural não pode deixar de se considerar um acontecimento. Pontualmente, o quinzenário As Artes entre As Letras aparece nas bancas, pronto para oferecer algumas horas de boas leituras a quem pretenda a sua excelente companhia. Sem ele, o Porto e o Norte (e não só) seriam bem mais pobres em termos culturais.

Espaço plural, aberto ao diálogo e à reflexão crítica, este quinzenário persiste em iluminar a sombria atmosfera que se abateu sobre o país, em geral, e sobre o Porto, em particular. É, pois, uma publicação que teimosa e corajosamente rema contra a maré.

Sem a perseverança da Dr.^a Nassaleté Miranda, incansável timoneira de uma competente (embora pequena) equipa, nada disto seria possível. A ela, profissional exemplar das Letras, deve a Invicta cidade continuar a bela e honrosa

tradição do jornalismo cultural, nomeadamente do mítico suplemento de O Primeiro de Janeiro, onde muitos dos actuais colaboradores do As Artes entre As Letras haviam sido acolhidos com simpatia e generosidade.

Há, naturalmente, uma legitimidade indiscutível nessa herança cultural, que a Dr.^a Nassaleté Miranda assumiu com mais encargos do que mordomias. E se nela há qualquer coisa de saudoso não é seguramente esse mítico passado, perdido que está na escrita, tantas vezes fulgurante, de muitas páginas que o tempo esmaeceu; o que hoje há de saudoso nessa exigente herança é, isso sim, o desafio, não menos exigente, de uma "nova renascença" a vir, isto é, a construção de um novo caminho aberto aos horizontes do futuro. É esse caminho que tem vindo a ser feito desde há três anos; caminho que se faz caminhando pelas estreitas e agrestes veredas das artes e das letras, mas que todos quantos escrevem neste quinzenário percorrem com a certeza (que é conforto) de o saberem percorrido em liberdade plena.



José António Gomes
professor, escritor


Um espaço de respiração

A certos alunos meus de Literatura costumo por vezes lembrar, com alguma dose de exagero, que, quando tudo à nossa volta entra em ruína, no mundo ou na vida de cada um, só a arte nos salva, só a arte é lenitivo para um coração dorido. E só ela, em sua densa humanidade, é capaz de nos interpelar e reerguer.

«As Artes entre As Letras» traz-nos quinzenalmente um coro de vozes diversas, que não conhecem fronteiras. Para falar das artes do olhar, de livros ou de música, de dança, teatro ou cinema. Ou simplesmente de ideias. Aberto, plural e plurilingue, dirigido por alguém que - ou não fosse mulher - sempre deu primazia à relação humana, aos afetos, gostando de remar, com sobriedade e elegância, contra a direcção do vento (o umbiguismo geográfico, certas ameias do gosto ou ainda a política cultural indigente de quem nos tem governado), o jornal «As Artes entre As Letras» ocupa, com nobreza, um lugar de comunicação e expressão cultural que há três anos se encontrava despovoado - dedique-se, quem o desejar, a pensar os contornos desse espaço.

Por isso, prezemos e saibamos manter-nos ao lado deste oásis de cultura e sensibilidade, em tempos de declínio da informação impressa, em que o espaço dedicado às artes é pouco mais que decorativo.

Voltando ao início, uma nota final, escrita num jornal onde é possível ler também palavras de escritores. Os tempos vão difíceis e a condição humana vê-se agredida sem limites nem contemplações por um poder económico não sufragado, o que não pode deixar-nos indiferentes. A vocação do escritor enquanto homem ou mulher de palavra é a que sempre foi: construir obras de linguagem, peças duráveis, afirmando o valor da ordem no meio do caos, outras vezes semeando o caos onde a ordem se afigura indiscutível. Em qualquer dos casos, a linguagem da verdadeira literatura é sempre revolucionária, traduzindo um inconformismo que por vezes parece anestesiado ou tolerado como mero capricho estetizante. Ou ainda, pior que tudo, substituído pela integração autista num status quo e num modus vivendi que, nos tempos que correm, cada vez se revelam mais desumanos e intoleráveis. Ora essa é a condição da escrita e do escritor que rejeito. E, porque rejeito também a atitude daqueles que a ela se resignam - escudando-se por vezes numa débil, conquanto ruidosa, recusa daquilo que erradamente denominam como «instrumentalização» do literário -, deixo esta nota, no momento feliz em que se celebram os três anos do «As Artes entre As Letras».



MO MO
RESTAURANTE PAN-ASIÁTICO
CASINO LISBOA

Restaurante MoMo tel. +351 917959707
Casino Lisboa +351 21 892 90 00
Encerra ao Domingo e Segunda-Feira
Closed on Sundays and Mondays
Email: momo@lagrimashotels.com

CASINO LISBOA
www.casino-lisboa.pt



CASINO ESTORIL

Viva a Diferença
www.casino-estoril.pt



AUREA
16 JUNHO | 22H30

M 18
CASINO PÓVOA
T 252 690 888
www.casino-povoia.com

Nós na Arte...

O Museu da Presidência da República levou, aos principais equipamentos culturais da região de Trás-os-Montes e Alto Douro, a exposição «Nós na Arte - Tapeçaria de Portalegre e Arte Contemporânea». Agregando em rede os museus do Douro, Lamego, Côa e Abade de Baçal, o Mosteiro de Salzedas (em Tarouca) e o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, esta exposição reúne cente-

na e meia de tapeçarias de Portalegre e cartões originais para tapeçaria, alguns inéditos, provenientes de várias colecções públicas e privadas. Pode ser visitada até Setembro e cada núcleo de exposição é dedicado a um tema, cabendo ao Mosteiro de Santa Maria de Salzedas apresentar (até 30) «Nós na arte internacional», reunindo algumas obras emblemáticas de artistas internacionais que elege-

ram a Manufatura de Portalegre para a produção dos seus trabalhos, entre os quais Arpad Szenes e Le Corbusier. O Museu do Douro, por seu lado, reúne um conjunto de várias tapeçarias de Portalegre e cartões originais para tapeçaria, da autoria de Nadir Afonso (até 10). Também Graça Morais apresenta as tapeçarias baseadas nos seus cartões, no centro com o seu nome, em Bragança (até 30).



Elsa Lé na Casa Barbot

A Casa Barbot / Casa da Cultura, Vila Nova de Gaia, recebe até ao dia 29 de Junho uma exposição de pintura e ilustração de Elsa Lé. Dos vários trabalhos expostos na «Exposição de Elsa Lé - Pintura e Ilustração» podem destacar-se as ilustrações em aguarela do conto de José Jorge Letria «O Mosteiro de Santa Maria de Salzedas: as formigas, o gaio e as pedras».



«Das Origens aos Sonhos»

O Auditório Municipal de Gondomar tem patente, até ao dia 17 de Junho, a exposição de pintura de Victor Costa. «Das Origens aos Sonhos» dá a conhecer algumas das obras de um apaixonado pelo artesanato e tecelagem e apresenta um diversificado conjunto de pinturas do autor. São trabalhos que revelam um homem ligado à vida rural, em que a história local e o envolvimento social e cultural absorvem, na totalidade, os seus horizontes de vida. Marcado pelo fascínio da caricatura e das aguarelas, assumiu o óleo como opção na década de 90.



«C.O.R - A preto e Branco»

Está patente na Perve Galeria de Alcântara a exposição antológica «C.O.R - A preto e Branco» do pintor e gravador argentino Alfredo Benavidez Bedoya. A mostra traz pela primeira vez a Portugal o trabalho artístico de um dos mais importantes gravadores da actualidade e até ao dia 23 de Junho, em Lisboa, são mais de uma centena os trabalhos integrados na mostra. Além das gravuras e desenhos, estarão também expostos três livros-objecto artístico, de entre os quais se destaca um

exemplar de «The Firebird's Nest» realizado em parceria com Salman Rushdie.



DOUTORAMENTOS MESTRADOS PÓS-GRADUAÇÕES LICENCIATURAS

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

SAIBA MAIS EM WWW.UFP.PT

DOUTORAMENTOS**

BIOTECNOLOGIA E SAÚDE
DESENVOLVIMENTO E PERTURBAÇÕES DA LINGUAGEM
CIÊNCIAS DA TERRA
ECOLOGIA E SAÚDE AMBIENTAL
CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CIÊNCIAS EMPRESARIAIS
CIÊNCIAS SOCIAIS

MESTRADOS** [ÁREAS]

CIÊNCIAS DA SAÚDE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

PÓS-GRADUAÇÕES [ÁREAS]

CIÊNCIAS DA SAÚDE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CORPORATE EDUCATION
COMPLEMENTOS DE FORMAÇÃO/PÓS-LICENCIATURAS

LICENCIATURAS** [ÁREAS]

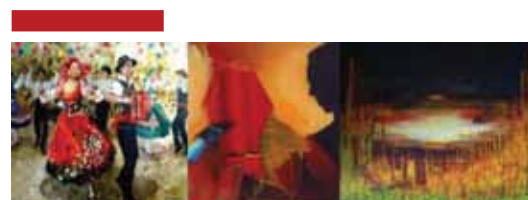
CIÊNCIAS DA SAÚDE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

*Reconhecida de interesse público pelo Dec. Lei 107/96, de 31 de Julho.
** A publicação em Diário da República das autorizações de funcionamento destes ciclos de estudos e de reconhecimento dos respectivos graus académicos pode ser consultada em www.ufp.pt



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
WWW.UFP.PT

Universidade Fernando Pessoa
Praça 9 de Abril, 349 - 4249-004 Porto
Tel: + 351 22 507 13 00
Fax: + 351 22 550 82 69
E-mail: Ingresso@ufp.edu.pt



«Emoções Cromáticas»

A exposição colectiva de Carolina Serpa Marques, Filomena Fonseca e Luísa Prior - «Emoções Cromáticas» - inaugura no dia 9 de Junho, às 16 horas, na Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão. A inauguração será acompanhada por música e conta com a presença das artistas plásticas. A mostra pode ser visitada até 30 de Junho.



«Agora Sim»

Adriana Barreto apresenta um conjunto de trabalhos que abordam o conceito de “espaço-forma” denominado por ela como “côncavo da mão”, lugar de criação de volumes esféricos que traduzem a sintonia fina do corpo com as coisas externas a ele, e o menor ponto para o corpo, que é aquele ocupado pela bailarina quando esta está na ponta de um pé. A mostra pode ser visitada até 30 de Julho, na Galeria Central do Museu das Comunicações, da Fundação Portuguesa das Comunicações, Lisboa.



«Pormenor na Paisagem»

O Espaço João Pedro Rodrigues, Porto, acolhe, na sua galeria, a exposição de escultura de Filomena Almeida «Pormenor na Paisagem». A mostra está patente até ao dia 13 de Junho.



Ruin'Arte no Casino Lisboa

A Galeria de Arte do Casino Lisboa apresenta a exposição a exposição fotográfica «Ruin'Arte - o lado romântico de cada ruína», fruto de um projecto de muitos anos de trabalho de Gastão de Brito e Silva. O projecto «Ruin'Arte» é uma forma de chamar a atenção para a degradação do património arquitectónico de Portugal. São pedaços de história perdidos, são almas penadas do nosso passado. Esta mostra está patente ao público até 18 de Junho.

«Palavras Objecto»

Na exposição «Palavras Objecto», Joana Rêgo apresenta mais de 30 peças de pintura em que tudo anda à volta da temática do livro, conteúdo por excelência de palavras e imagens (reais ou por nós imaginadas). Lombadas de livros ou as suas capas, prateleiras com livros, caixas e pilhas de livros... Mostra onde as palavras são livros e estas formas, livros aos quais não podemos aceder, porque são pinturas. A escolha de livros da biblioteca pessoal da pintora, e não só... o destaque poderá ir para uma série de pinturas, em que o desafio foi lançado a terceiros, escritores que admira e de quem gosta de ler as palavras. Na Casa da Galeria, Santo Tirso, até 21 de Julho.



Aldeia, João Carolo

Encontros de arte

A Galeria Ferrer Correia - Casa Municipal da Cultura, de Coimbra, acolhe os VI Encontros Internacionais de Arte de Coimbra. João Carolo, Sophie Degano, Nelo, Sandrine Cortez e Carla Ferreira são os participantes da mostra, que pode ser vista até ao dia 18 de Junho. O artista J. Sicar, pai de João Carolo, também é homenageado nesta exposição, com algumas das suas obras mais conhecidas.

Mostra de solidariedade

A exposição «1.ª Ajuda ComArte | Salão de pintura de médio formato», organizada pela Galeria Aberta, estará na Galeria do Hospital de Sta. Maria, Lisboa a partir do dia 1 de Junho. A mostra de solidariedade a favor da Associação «Amigas do Peito», Associação Humanitária de Apoio à Mulher com Cancro de mama, está patente até ao dia 29 Junho.

«gabinete > musad»

Pedro Saraiva apresenta no Módulo - Centro Difusor de Arte, em Lisboa, a exposição «gabinete > musad» que vem na continuidade da investigação que tem vindo a realizar nos últimos anos sobre gabinetes e retoma as questões da dupla inventiva como princípio unificador, num conjunto de trabalhos que adoptam várias linguagens, nomeadamente pintura, fotografia e desenho. "Trabalho esse que passa pela criação de heterónimos, isto é, de personalidades criativas que possuem, no seu interior, uma coerência que remete para a ideia de identificação e, concomitantemente, de identidade(s) criativa(s) múltipla(s)", conforme refere Delfim Sardo no texto do catálogo da mostra, que pode ser visitada até 26 de Junho.



gabinete > musad, 2012, mista s/papel



Domingos Lobo
escritor, programador cultural

Rasgar a Neblina

"É proibida a entrada a quem não andar espantado de existir"
José Gomes Ferreira - «As Aventuras de João Sem Medo»

3 anos
eis o tempo no seu movediço favo,
seu ofício de perpetuar o brilho das fontes
um corpo que se expõe, se expande
sobre palavras e palavras, húmus, água
as febres que enlouquecem os silêncios
porvir de tanto sal no astro cinzelado das ideias
e por dentro no seu vagar de nuvem
um mar a abrir-se em delta de caminhos
perdição e assombros, a desmesura do fogo
do ventre imenso, imerso das palavras
terra que habitamos, cais de Maio

3 anos
a respirar, a sorver os mitos, a ígnea sagração da primavera
tempo de erguer, permanecer nesse ventre dos sonhos repartidos
viajar dentro e fora do cosmos - abrigo etéreo, mosto e lava
papel, abrigo das palavras altas
lugar de imagens, do olhar, da explosão misteriosa das cores
sons que com elas se erguem e devagar nos tomam já rendidos
ver na ampulheta as asas dos dias largos, a vertigem matricial
e por dentro os lugares festivos, o sol que abre os espaços, o azul
o invisível lastro, o bosque que cintila, as vastas planícies do efémero

3 anos
a crescer *espantado de existir*
e fascinado nesse cântico absoluto da idade e das palavras
a rasgar os sinais da tristeza
e da neblina



Gomes Fernandes
arquitecto

Entre as A e as L

"Livres nos Caminhos da Cultura" é o sentimento do dever cumprido que vai na Alma da Nassalete Miranda, coluna estrutural deste Projecto. Publicação periódica literária única a Norte, nasceu como "uma flor deslumbrante e liberta do seu traje" e completa agora 3 anos de "perfume delicado", que se apoderou de todos aqueles a quem a admiração e amizade pela sua criadora, convocou para tão duro mas essencial percurso. Os tempos são de crise mas têm, também, o agravo de muita incultura e insensibilidade, falta de quotidianos de leitura e reflexão de políticos e decisores, para quem a Ética e Estética são "letra morta" e o Cidadão que alimenta a Democracia, um mero algarismo no "computer" dos especuladores. "O vento esmagou. O vento destrói. O vento nos afoga em so-

lidão". Di-lo um anónimo da cultura chinesa do séc. VIII e parece que estas palavras, vindas de fora, nos submetem de vida nos quotidianos que vivemos e futuro que não vemos. Lutar contra o pessimismo e acreditar em amanhã é assumir "o pensamento do poeta de prosa ritmada que abarca o Universo", palavras do chinês Sima Xiangru (179-117 a.C.), mas com que a Nassalete tem dado rumo a este barco com que todos nos comprometemos. Se o presente é o que é, o futuro tem de ser de compromisso e responsabilidade, pois "este país/nasceu para o tempo e a esperança", não pode ficar "solitário na sua agonia", como nos recorda o boliviano Gonzalo Vasquez. Não é a "solidão e agonia" que vai nas nossas almas que deve sobrepôr-se ao "fogo de rosas" que crepita no nosso pensamento e convicção. Não é verdade, minha cara Nassalete?



Carlos Cabral Nunes
cabral_nunes@perve.org.pt

Palavras-actos #41b

Palavras-sensibilizadas. Escrever sobre um triplô aniversário não é tarefa fácil. Digo-o triplô, sem enganos. Três vezes importante o que se assinala: 3.º aniversário do jornal que é o nosso; 3.º ano de mudança no paradigma que (des)governava o mundo; a título mais particular, 3 anos de existência da novel Perve Galeria, a de Alcântara, que agora apresenta exposição, tão inusitada como este nosso jornal, em torno da obra de Alfredo Benavidez Bedoya, fantástico autor argentino, e que tem a particularidade de mostrar um seu livro de artista feito em conjunto com Salman Rushdie - escritor notabilizado por haver sido distinguido com um *Man Booker Prize* (1981) e, mais ainda, por ter escrito «Versículos Satânicos» (1989), onde acusava o Islão de perseguir várias religiões, o que lhe valeu uma *Fatwa*, decretada pelo Aiatola Khomeini (Irão), que o condenava à morte, apelando aos muçulmanos para que o tentassem assassinar. É fascinante o tanto que se avançou nestes domínios que agora se evocam: «As Artes entre As Letras» consolidou-se como um jornal marcadamente cultural e artístico, como não haverá outro em Portugal, com textos de fundo sobre temas fundamentais realizados por gente de méritos indiscutíveis (talvez sendo eu a excepção que confirma esta regra), descentralizando também as questões da cultura, pois que é um meio de comunicação nacional que tem dedicado muito do seu espaço à análise e divulgação do que se passa fora dos grandes centros urbanos. Sobre a crise, já todos percebemos, um pouco por todo o mundo, que a sustentabilidade (nos vários domínios) não se alcança com truques de alta finança e com especulação, nem com consumo desenfreado, nem com esquemas ardilosos de contabilidade criativa - percebemos hoje que o mundo tem de ser, não apenas repensado, alterado para que as futuras gerações não tenham o seu futuro (e o nosso) comprometido. É necessário re-fundar as instituições e a lógica dos mercados para que tenham em conta todos, mesmo todos, os cidadãos deste planeta (e, já agora, toda a biodiversidade), sob pena de termos o futuro encurtado abruptamente, todos, inclusive os especuladores. Por fim, quando começámos o trabalho na 2.ª Perve Galeria, em Alcântara, seria difícil prever que fôssemos chegar a este ponto: estarmos a desenvolver um programa em torno da América-Latina, mostrando obras de alguns dos seus mais relevantes autores, especialmente numa altura de crise, como a actual - e isso é um bom augúrio para os novos desafios que se aproximam. Assim como será um bom prenúncio que o nosso jornal se afirme cada vez mais. Que o próximo ano seja de continuado crescimento, são os meus desejos e a razão que nos anima a todos, seguramente. Pois que de outra forma se poderia fazer o mundo, se não se lutar para que seja melhor, sempre melhor, lugar para se viver e se fazer «As Artes entre As Letras»?



J. A. Gonçalves Guimarães
Mesário-mor da Confraria



Eça & Outras

A Invenção da Alma

Livros há que deviam desencadear revolução mal saíssem do escarpate do livreiro para a estupefação do leitor. Não a revolução violenta e botabaixista a que a História nos habituou, mas a interior, a que resultasse da varredela que cada um fizesse na sua alma, esse frigorífico, pessoal ou coletivo, branco como convém, sem as seguranças do cofre inviolável e sempre à mão para guardarmos à temperatura conveniente a memória em filetes e as convicções em saquinhos, prontos a usar em qualquer repasto social que tenhamos de confeccionar, em grande ou pequena escala, cada um por si ou, soma disso tudo, como povo.

Como arqueólogo, mais habituado às materialidades dos objetos e ao mobiliário da história, para mim a alma concebo-a como um indispensável eletrodoméstico pessoal ou coletivo - existem armazéns frigoríficos - evidentemente com vários modelos e versatilidades, mas, no fundo, no fundo, muito idêntica de pessoa para pessoa, de povo para povo. As diferenças estarão no que lá se arruma, no que lá se esquece, no que lá se pensa que se tem e, quando se vai buscar para servir, ou já não está capaz, até porque passou o prazo de validade, ou já se guardou deteriorado. E depois, a quantidade de "alimentos" inúteis ou que aí fomos guardando, que nos dão "refeições" artificiais, estragadas ou ilusórias, é verdadeiramente assombrosa. Mas reflexão muito melhor sobre estes assuntos acaba de publicar Jaime Milheiro, psiquiatra e psicanalista, um livro intitulado «A Invenção da Alma, um olhar psicanalítico», com prefácio de Eurico Figueiredo pela Editora Fim de Século, o qual reúne uma coletânea de conferências, entrevistas e outros escritos que têm como fio condutor a quase totalidade das atitudes humanas perante o que cada um faz e pensa de si próprio, as orfandades que tem e que não con-

segue superar, os jogos de habilidades sociais e coletivas, os grandes e pequenos mitos da quotidianidade. E se a curiosidade vos acompanhou até aqui, saibam que para o autor o meu frigorífico nem sequer existe, como muito bem demonstra no capítulo "A invenção da alma", onde, entre muitos outros considerandos pertinentíssimos, pergunta pela sua rota histórica, ou seja, quem a inventou, a partir de quê e para quê e se um "desalmado" será muito pior pessoa do que as pias almas do passado, do presente e do futuro que conhecemos. Mas, mas então, tantos séculos de lutas e de progresso da humanidade prescindem assim, com uma penada deste pensador que remete para as inutilidades do só-tão humano essa (a expressão é do autor) entidade voadora? Aí explica que somos dados à "misteriosidade" (outro conceito seu) desde que nascemos e que já foi nessa escola que fomos concebidos e gerados, pois de outro modo ainda saltaríamos descontraindo de galho em galho, conforme magistralmente descreveu São Darwin. Pois, mas essa "misteriosidade" tem-nos dado problemas porque passamos a querer muito mais do que a ração de bolar quotidiana disponível. E daí foi um passo para as pequenas e grandes ansiedades e a invenção da religião, da justiça e da ordem social, que distribui a cada um a ração que entende caber-lhe, o que gera enormes zangas pessoais e coletivas que só a mentira e os mentirosos aquietam temporariamente. E, em vez de cada um procurar saber ao certo qual a figura que lhe cabe neste jogo de xadrez, desenvolvemos elaboradas teorias da conspiração que deram origem a novas profissões como os comentadores e os politólogos, pois ninguém lhes querará chamar "aldrabões encartados" e, no fundo, como conclui Jaime Milheiro «é preciso confiar para haver cidadania», ainda que sejam demasiado ruidosos os

«jogos de inveja e (in)gratidão» que existem e sempre existiram levando o autor a interrogar-se «Sorte e azar: onde estarão os deuses?».

Por fim, quase no fim, mas ainda a cinquenta páginas do fim do livro, o autor arrima-se a músicas e silêncios na procura da sua insofismável beleza que a sua condição profissional de psicanalista tão bem conhece e que se revelam em luminosidades humanas quando os seres que analisou se despem da alma, essa vestimenta que nos oculta de nós e dos outros e que já herdamos à nascença sem ser feita à nossa medida, remendada, tresandando a sebos de problemas por resolver ao longo das eras, e que raramente nos assenta bem, ainda que retocada pelos alfaiates e modistas de serviço.

Eça de Queirós, que é artista da palavra e não tem obrigações de científicidades, descreveu-nos como «... figurinhas de biscuit, criaturinhas dessordadas, cheias de humores linfáticos, dum miúdo de figuras de missanga, duma amarelidão de hospital. Nem andam, nem riem, nem se movem, nem pensam: resvalam. Têm um sorriso desfalecido, os rins quebrados, os braços moles - um ar gelatinoso: é uma raça caquética, minada, espremida, lassa, cor de pele de galinha» (A Tragédia da Rua das Flores). Neste seu livro, Jaime Milheiro explica-nos agora que muito de tal se deve à alma, uma «... das mais inspiradas invenções dos seres humanos» a qual, se a eliminássemos da nossa mente e da nossa vida «desenvolver-se-ia o sentido da responsabilidade, aumentar-se-ia o sentimento de justiça, elevar-se-ia a humana condição. Sem almas em risco, sentir-nos-íamos mais pessoas e melhores pessoas» (p.33).

Mas, provavelmente, ainda que muitos de nós leiam o seu livro e até abanem aqui e ali a cabeça em assentimento, tendo o olho nas lombadas das obras sobre anarquismo e niilismo, continuaremos todos inscritos nas nossas confrarias das almas fritando-nos a nós próprios, ou deixando-nos tostar, no lume nem sempre brando das conveniências.

Enciclopédia Einaudi

Ele há pessoas assim: J.M. Leal da Silva, engenheiro químico e mestre em Antropologia «tendo experimentado a dificuldade de abordar na especialidade alguns dos 43 volumes»... da Enciclopédia Einaudi, procurou «... de uma forma simples e rápi-

da elaborar, como apontamentos pessoais, índices auxiliares que permitissem localizar os respetivos temas» e que agora põe à disposição gratuita de todos os interessados enviando-os por email para todas as Bibliotecas Municipais ou para quem os quiser receber. Por sua expressa autorização vamos colocá-los no confrariaqueirosiana.blogspot.com, partilhando assim a generosidade do autor destes índices.

Email

queirosiana@gmail.com
confrariaqueirosiana.blogspot.com
eca-e-outras.blogspot.com

Coordenação da página

queirosiana@gmail.com

Endereço Postal:

Solar Condes de Resende
Travessa Condes de Resende, 110
4410-264 Canelas VN. GAIA - PORTUGAL
Tel.: 227 531 385 | Fax.: 227 625 622
Telm.: 968 193 238



Victor Dias
director artístico

O bem da Música

Não há dúvidas de que a Música pode atuar no mais íntimo do nosso ser, no nosso intelecto, no nosso espírito, em suma, na nossa alma. Terá sido essa certeza que motivou e continua a estimular inúmeros investigadores, por todo o Mundo, numa indagação pautada por metodologias científicas amplamente validadas, que procuram sobretudo compreender de que forma e com que efeitos concretos a Música penetra no nosso espírito, ou porventura, repercute os seus efeitos em domínios mais superficiais, nomeadamente ao nível do sensorial e cognitivo.

Alguns resultados têm sido absolutamente surpreendentes, revelando qualidades cujos efeitos concretos só são comparáveis aos obtidos por ação de certos fármacos, com a vantagem de que no caso da Música, as contra-indicações e danos colaterais são praticamente inexistentes ou, quando possam verificar-se, meramente residuais. As repercussões benéficas concluídas em certos estudos vão desde a melhoria no humor das pessoas, no rendimento profissional, no desempenho físico associado a certas tarefas e mesmo ao nível da inteligência, com particular expressão no que diz respeito à inteligência emocional. Há investigadores que estão a desenvolver pesquisas para procurar relacionar as opções estéticas e o gosto pessoal, com variáveis do comportamento e da personalidade, no sentido de tentar compreender por que razão as pessoas preferem a Música Clássica, o Jazz, o Folk ou a World Music, entre outros géneros e estilos.

A influência da Música na vida das pessoas, individualmente consideradas, é de tal modo que sabendo os seus hábitos de audição musical, se pode conhecer muito sobre o que uma pessoa pensa, sente, como comunica, como se diverte e integra na sociedade e cultura a que pertence, acabando por se tornar num traço determinante da sua história de vida.

Numa abordagem coletiva, o estudo das tradições e hábitos musicais de um povo, revela igualmente muito da sua história, organização social e política e, mormente, sobre a sua forma de ser, ver e estar no Mundo, a Cultura.

Não há bela sem senão

Investigações que têm sido desenvolvidas na Universidade de Chemnitz e na Universidade de Erfurt, ambas na Alemanha, comprovaram que, durante a leitura, ouvir Música de fundo pode afectar a compreensão. Ao nível da memória, os efeitos foram também negativos, mas muito pouco relevantes.



Mas as vantagens superam os inconvenientes

No que toca à prática de atividades físicas e às reações emocionais, os impactos da música são altamente positivos.

As investigadoras, Rebecca Webb e Alexandra Lamont que trabalham na Universidade de Keele, no Reino Unido, concluíram que escolhemos a nossa música preferida em função da nossa vivência emocional. A nossa escolha em cada momento está condicionada à qualidade e intensidade do nosso envolvimento emocional noutras atividades do quotidiano.

Um grupo de pesquisa que se encontra também a estudar estes temas, na Universidade de Sussex, no Reino Unido, descobriu que ou-

vir canções com letras socialmente positivas aumenta a capacidade de viver em relação social e a vontade de ser solidário, estimulando posturas e comportamentos socialmente mais pacíficos e cooperantes.

Um estudo levado a cabo por um outro grupo de pesquisa, na Universidade de Toronto, no Canadá, e que trabalhou com 140 crianças, proporcionando-lhes diversas experiências de prática e fruição musical, concluiu que no final do programa que havia sido preparado para o efeito, o QI e o desempenho escolar tinham melhorado de forma muito substancial e substantiva, para além de terem verificado que as crianças melhoraram igualmente a

sua capacidade de concentração, de compreensão, tornando-se mais calmas e menos conflituosas.

No sul da França, na Universidade da Bretagne-Sud, uma equipa de cientistas levou a cabo uma série de experiências, uma delas em lojas de floristas que durante um certo período, difundiam nos seus estabelecimentos apenas Música, segundo uma "Playlist" criteriosamente elaborada para esse fim, obtendo como resultado um inesperado incremento das vendas de flores com finalidades passionais.

Estudiosos destas matérias, como Peter J. Rentfrow e Samuel D. Gosling, afirmam que a análise dos gostos musicais pode ajudar no diag-

nóstico de certas perturbações da mente, facilitando trabalho de psicólogos e psiquiatras, na prevenção e tratamento clínico.

O caminho que já se percorreu no sentido de utilizar a Música como um recurso terapêutico anima imenso a comunidade científica e abre novas perspectivas, face às experiências e indagações que estão a ser levadas a cabo por todo o Mundo. As notícias que nos chegam sobre todos esses progressos são animadoras para músicos e melómanos, embora uns e outros não se desconcentrem da qualidade essencial que mais amam na Música, a sua dimensão estética que faz dela uma das mais universais formas de Arte e de comunicação humana.



António Ferro
músico

Quando as teclas teimam em não tocar mais...

Bernardo Sassetti (1970-2012)



Não estava no Hot Clube quando Gualdino Barros desceu com o “miúdo” de 15 anos que, contrariamente ao irmão, tinha trocado os acordes maiores pelos acordes de sétima maior...

O “miúdo” que passados uns anos apanhou à pressa um avião para o Porto, para substituir o pianista de Paquito D’rivera (Sopete Jazz Festival - Póvoa de Varzim) e que entrou em palco sem ensaios, tocou, como se fosse o pianista fixo da banda de Paquito, recordação sempre falada pelo saxofonista cubano, quando se desloca a Portugal.

Quando, com o seu trio (Bernardo Moreira no contrabaixo e André Sousa Machado, na bateria), acompanhou o excelente trombonista americano Conrad Herwig, aí já eu estava presente em Guimarães (o festival que eu também ajudei a nascer...), em concerto que felizmente foi registado em CD (su-

Do **Bernardo**, recordarei sempre a simplicidade em pessoa, a sua educação extrema, mas ao mesmo tempo, um lado boémio e divertido com que envolvia os seus amigos, amigos espalhados pelos locais que visitava, **amigos que sentiam a verdade que o seu sorriso sempre iluminava.**

ponho que o primeiro CD do Guimarães Jazz...).

No ano anterior tinha estado com os Moreira Jazztet e no ano seguinte, com Carlos Martins e Cindy Blackman. Quando, Hermeto Pascoal fez (a meu entender) o melhor concerto a que eu assisti em Portugal (trio - piano, baixo e bateria), o Bernardo a meu lado, com o seu simples e inconfundível sorri-

so nos lábios, disse, e cito em memória muito afectiva: “- Sabes Ferro, os dois melhores concertos que vi na minha vida, foram este e outro do “Campeão” (nome por que é tratado carinhosamente, Hermeto Pascoal)”.

Ainda me lembro, de uma actuação do seu trio no Matosinhos Jazz de 2010 (14.ª edição), em que Fernando Rocha (vereador da Cultura da Câmara Municipal de Matosinhos), embebido pelo excelente concerto a que acabara de assistir, me referiu que depois de um concerto daquela qualidade, nem seria necessário um segundo concerto, curiosamente com outro grande pianista - Jaques Loussier.

Do Bernardo, recordarei sempre a simplicidade em pessoa, a sua educação extrema, mas ao mesmo tempo, um lado boémio e divertido com que envolvia os seus amigos, amigos espalhados pelos locais que visitava, amigos que sentiam a verdade que o seu sorriso sempre iluminava.

Ficarei sempre na dúvida se o Bernardo era melhor pianista do que pessoa, ou se era melhor pessoa do que amigo, uma coisa é certa, a todos nós conseguiu tocar com a pureza da sua alma e com a simplicidade cinematográfica da sua música. O Bernardo era um realizador que construía as cenas com notas e acordes e que no final montava o seu filme, entre timbres de cordas e madeiras e acordes do seu peculiar piano.

A última vez que falámos, curiosamente não foi sobre música, pedia-lhe uma fotografia, para incluir no meu primeiro livro que ainda se encontra no prelo. Quis o destino que fosse a fotografia que abruptamente o fez afastar de nós, dos seus amigos. Mas a sua música, ecoará eternamente e o seu sorriso jamais se apagará da memória de todos. O Bernardo, é daqueles amigos que nas noites de Lua Cheia, estará a brilhar junto das infinitas estrelas do céu e se conseguirmos ter a nosso lado o silêncio como nossa companhia, com um pouco de atenção, escutaremos o dedilhar do seu piano, porque o piano do Bernardo, é apenas dele e de mais ninguém...



JÓÃO RODRIGUES

Homenagem a Urbano

O escritor Urbano Tavares Rodrigues é hoje (30 de Maio) homenageado, às 18 horas, no Anfiteatro IV da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), numa iniciativa da revista «Textos e Pretextos» e do Centro de Estudos Comparatistas. A sessão contará com intervenções de Francisco José Viegas, secretário de Estado da Cultura, de Helena Carvalhão Buescu, da FLUL, e do próprio Urbano Tavares Rodrigues. Na ocasião, será ainda apresentado e emitido um vídeo com um depoimento inédito do escritor, da autoria de Pedro Loureiro. A Textos e Pretextos dedica a sua mais recente

edição à vida e obra de Urbano Tavares Rodrigues. Neste volume, o n.º 16, podem encontrar-se ensaios sobre a vida e obra de Urbano, uma entrevista com o autor, uma cronologia, manuscritos e dactiloscritos, uma bibliografia seleccionada e, também, vários depoimentos, entre outros, de Nuno Júdice, Teolinda Gersão, Baptista Bastos, Maria Graciete Besse. Recorde-se, entretanto, que a Dom Quixote acaba de publicar o mais recente livro de Urbano Tavares Rodrigues, «Escutando o Rumor da Vida seguido de Solidões em Brasa», que chegará às livrarias no próximo dia 18 de Junho.

Língua Portuguesa em Roterdão

Entre os dias 12 e 17 de Junho realiza-se a 53.ª edição do Festival Internacional de Poesia de Roterdão. Um dos eventos literários mais antigos do mundo, e o mais prestigiado da Europa, o Festival tem por tradição receber anualmente alguns dos maiores nomes da poesia mundial. Já passaram por lá poetas como Pablo Neruda, Octavio Paz, Joseph Brodsky, Seamus Heaney, Anne Carson, entre outros prémios Nobel. Acolhendo, a cada edição, cerca de 20 autores que exibem os seus trabalhos a um público igualmente internacional, o evento manteve-se firme ao juntar, no seu meio século de existência, os mais significativos poetas da segunda metade do séc. XX em diante. Nesta edição, o Festival volta a convidar um poeta brasileiro,

o jovem escritor e artista sonoro Márcio-André, nascido em 1978, no Rio de Janeiro. Márcio-André, com quatro livros editados, é hoje uma referência da nova literatura e da poesia experimental brasileiras. Em edições anteriores, foram convidados Ferreira Gullar, Léo Ivo, Herberto Helder, Ana Luisa Amaral e Gonçalo M. Tavares. Márcio-André, que vive em Lisboa e acaba de lançar um livro em Espanha, lerá os seus textos em português, enquanto versões em inglês e holandês serão exibidas em telas no palco, além de participar em mesas redondas onde debaterá sua obra multimédia e o seu processo criativo. Além dele, haverá poetas de Espanha, Índia, Palestina, Estados Unidos, Alemanha e Austrália, entre outros países.

«Cartas a Albano Martins»

No dia 1 de Junho, pelas 18h30, a Sala Fernando Pessoa da Universidade Fernando Pessoa, Porto, recebe o lançamento de «Cartas a Albano Martins», do poeta espanhol Vicente Aleixandre, Prémio Nobel de Literatura de 1977. A obra, constituída por 21 cartas endereçadas ao poeta português Albano Martins no período compreendido entre o início da década de 1950 e a morte do poeta, em 1984, é uma edição da Universidade de Córdova e será apresentada por Blas Sánchez Dueñas, docente da mesma universidade e responsável pela edição.

... e novo livro do poeta

Realiza-se, no próximo dia 6 de Junho, pelas 18h30, no Palacete dos Viscondes de Balsemão, no Porto, o lançamento do novo livro de poemas de Albano Martins «Estão agora floridas as magnólias». A apresentação do volume estará a cargo da professora Maria Bernardette Capelo-Pereira.



A Luís Miguel Nava

A Poetria realiza hoje (30 de Maio) uma sessão de poesia sobre Luís Miguel Nava, às 21h30, no Espaço Gesto (R. José Falcão, Porto), com leitura de poemas por Cláudia Novais, André Sebastião e Maria Fernanda Rodrigues. A iniciativa conta com acompanhamento musical por Carlos Andrade. Pouco conhecido do grande público, Luís Miguel Nava nasceu em 1957 e desapareceu em Maio de 1995, da morte mais trágica e brutal: assassinado. Deixou uma obra marcada pela transgressão e pelo excesso mas também pela vulnerabilidade extrema e “desamparadamente humana” de quem assumiu o “desejo irresistível de se expor até ao âmago”. É dele o verso: “Desnudar-se é pouco, há que mostrar as entranhas”. Acima de tudo, “estamos perante uma das experiências literárias mais originais, perturbantes e apaixonantes da poesia portuguesa contemporânea, a única presença verdadeiramente forte e diversa no panorama poético português dos anos 80” segundo Eduardo Prado Coelho.

2.º Multiplex

A 2.ª edição de Multiplex/Ciclo de Imagens em Movimento, Arte e Ensaio, da Universidade Lusófona do Porto (ULP) é dedicada à parceria criativa entre Manoel de Oliveira e Agustina Bessa-Lúis e realiza-se entre 6 e 9 de Junho. O ciclo abre com uma Masterclass de Manoel de Oliveira, na Sala Nobre da ULP, às 18 horas, mas as sessões de cinema terão lugar no Cinema Passos Manuel, Porto. A retrospectiva dos filmes realizados em conjunto pelos dois autores iniciará-se com «Francisca», a partir do livro «Fanny Owen» (de Agustina Bessa-Lúis). O ciclo prolonga-se até 9 de Junho, com sessões ao fim da tarde e à noite. O Multiplex é um ciclo de actividades, reflexão e mostra de cinema e vídeo aberto ao público em geral com o objectivo de promover o visionamento com trabalhos de referência da história do cinema, dar a conhecer os trabalhos em vídeo dos estudantes de Comunicação Audiovisual e Multimédia (CAM) e dinamizar o debate sobre a criação contemporânea ocupada das imagens em movimento. O certame é organizado pelo curso de CAM da Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Comunicação da ULP (<http://multiplex.ulp.pt/>).

POB

“Honoris causa”

O bispo do Porto, Manuel Clemente, e a antiga primeira-dama Maria Barroso são doutores honoris causa pela Universidade Lusófona do Porto em Ciência Política, Cidadania e Relações Internacionais. Trata-se do quarto doutoramento honoris causa da presidente da fundação Pro Dignitate e do primeiro do vice-presidente da Conferência Episcopal Portuguesa. No elogio do novo doutor Manuel Clemente, o seu padrinho académico, Artur Santos Silva, descreveu o prelado como alguém que se “impõe pela força do seu pensamento”, mas com uma “enorme tolerância” face a outras formas de ver o mundo e a sociedade, e como uma figura de destaque na Igreja e na Cultura. Declarando-o dono de uma “contagante simplicidade”, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian disse ainda que Manuel Clemente se destaca porque “afirma uma fé imbatível na natureza humana”.

Por sua vez, o padrinho académico de Maria Barroso, Almeida Santos, descreveu Maria Barroso como “exemplo vivo de esposa e de mãe coragem”, e como “a grande mulher que se diz estar sempre por detrás de um grande homem” - o ex-Presidente da República, Mário Soares, que também compareceu ao doutoramento. O antigo presidente da Assembleia da República destacou ainda o papel de Maria Barroso como declamadora e actriz, o seu trabalho na área da Educação, bem como a sua actividade na Cruz Vermelha e nas fundações Pro Dignitate e Aristides de Sousa Mendes. “Ela é tão grande que não cabe num texto pequeno”, afirmou.

A Universidade Lusófona justificou a atribuição do honoris causa a Manuel Clemente e Maria Barroso “pelas suas evidentes qualidades humanas, intelectuais e profissionais, postas ao serviço da dignidade e da solidariedade humanas”.



Eng. António de Almeida



O Eng. António de Almeida nasceu em 5-11-1891 e faleceu em 9-10-1968, tendo instituído, por testamento, uma fundação com o seu nome, que tem fins artísticos, educativos e de benemerência. A Fundação Eng. António de Almeida, reconhecida oficialmente em 5 de Maio de 1969, possui um Museu onde se reúnem as várias peças colecionadas pelo instituidor: mobiliário, ourivesaria, têxteis, porcelanas, pinturas, relojoaria e moedas, constituindo estas uma importante coleção numismática composta por

peças de ouro de origem grega, romana, bizantina, francesa e portuguesa. Desenvolve atividade cultural intensa, sobretudo, nas áreas da arte e da educação; realiza colóquios, conferências, exposições e recitais de música; atribui prémios escolares. Edita e apoia revistas e livros; promove e subsidia atividades.



«Em todas as atividades, embora respeitemos, em absoluto, o pluralismo de ideias, afirmamos o humanismo personalista; e, por isso, propomo-nos contribuir e contribuirmos para a formação do homem-pessoa, em ordem a dotá-lo com as virtudes da coragem, do trabalho, da honestidade, da tolerância e do saber inteligente, para que surjam, assim, um humanismo fraterno e uma sociedade onde caibam, efetivamente todos os homens.»

Fernando Aguiar-Branco
Presidente da Fundação

Experiência na «Câmara Escura»

Até ao dia 17 de Junho, os jardins do Palácio Vila Flor, em Guimarães, acolhem uma estrutura única: a Câmara Escura - instalação performativa concebida à escala humana, que proporciona a experiência de estar dentro de uma câmara fotográfica. Até àquela data, às 13h30 e às 15 horas, o público é convidado a entrar numa câmara fotográfica e aí assistir a um espectáculo sobre o mecanismo de fotografia, onde a história da imagem é representada teatralmente. No interior do edifício do Palácio Vila Flor, o projecto Saber Fazer apresenta uma exposição fotográfica e uma vídeo-instalação. A mostra fotográfica aborda o universo dos saberes locais, com particular foco nas profissões tradicionais e indústrias nucleares da região de Guimarães - os curtumes e a cutelaria. Na instalação vídeo, os actores reais de cada ofício ganham voz e movimento.

O projecto contempla ainda a realização



de três cursos de fotografia estenopeica. À medida que os cursos se desenvolvem, os trabalhos dos formandos serão expostos numa instalação em permanente actualização, intitulada «Guimarães no Buraco da Agulha». Esta iniciativa, por sua vez, será integrada na exposição fotográfica Saber Fazer. Junto da instalação haverá ainda uma câmara pin-hole portátil para registar instantâneos, que podem ser adquiridos no momento pelo público.

Centro de criação de videoclipes

Durante os próximos meses, Guimarães 2012 vai afirmar-se como pólo de criação e produção de cinema, em especial de videoclipes. Até Setembro, a Capital Europeia da Cultura organiza o projecto Videogang que desafia jovens realizadores a experimentar e concretizar videoclipes, alguns fashion films e, no final, também curtas de ficção de tipo low-budget e no-budget. O programa foi organizado com recurso à Plataforma de Produção Audiovisual de Guimarães 2012 e tem dois momentos distintos. O primeiro será uma mostra de obras de autores que utilizaram o videoclipse para a experimentação e afirmação autoral; o segundo, um programa de estímulo à produção audiovisual para jovens criativos da cidade de Guimarães.

O projecto - orientado por Hilário Amorim - pretende valorizar o videoclipse enquanto género, destacando a acessível forma de iniciação na arte. Os participantes vão assistir desde workshops intensivos de

captação de imagem e som em cinema e de iluminação de estúdio, a seminários de iniciação conceptual ao formato e oficinas de desenvolvimento das ideias e argumentos e, ainda, a masterclasses com vários colectivos portugueses. O programa pretende, também, deixar um legado para a produção nacional do videoclipse. Para isso, está a ser construída uma plataforma on line, em formato de repositório de dados.

O Videogang compreende um total de sete sessões. A próxima decorre no dia 21 de Junho, no Centro para os Assuntos da Arte e da Arquitectura (CAAA), e fará uma retrospectiva de vídeos e curtas de um dos mais activos e criativos colectivos nacionais dos últimos anos, a «Uzi Filmes». Dia 25 de Junho são exibidos, no mesmo local, filmes do colectivo «Neutral Repórter», projecto criativo centrado em André Tentugal, com a exibição de videoclipes e documentários produzidos nos anos antecedentes ao lançamento ao projecto musical «We Trust».

20.º Curtas Vila do Conde

O Curtas Vila do Conde - Festival Internacional de Cinema prepara-se para apresentar em estreia mundial oito dos 10 novos filmes que estão a ser produzidos pela Curtas Metragens CRL durante a 20.ª edição do certame, entre 7 e 15 de Julho. O Curtas comissionou um programa especial de quatro curtas-metragens realizadas por quatro realizadores entre os mais relevantes no panorama contemporâneo internacional e que mantêm uma forte relação com o festival: Thom Andersen (vencedor do prémio de Melhor Documentário no Curtas 2011), Helvécio Marins Jr. (cineasta participante em edições anteriores do festival e que apresentará uma retrospectiva do seu trabalho), Sergei Loznitsa (autor multipremiado em Vila do Conde, vencedor em 1999 com o Melhor Documentário, e, em 2001, com uma Menção Honrosa da Competição Internacional) e Yann Gonzalez (vencedor do prémio para melhor curta metragem Europeia, em 2006). Todos os filmes se centram em histórias e/ou cenários do Norte de Portugal.

No âmbito do projeto Estaleiro, estão de igual modo previstas as estreias de «Rua da Estrada», de Graça Castanheira (baseado no livro homónimo do geógrafo Álvaro Domingues); «Cinzas», de Pedro Flores (projeto rodado na zona do Gerês); «O Rio que nos Leva», de Luís Alves de Matos (uma viagem pelo rio Ave, descobrindo os sinais de vida de um rio, desde a foz até à nascente na Serra da Cabreira); e «Obrigação», de João Canijo (centrado na relação entre a mulher e o pescador das Caxinas).

De salientar que, no âmbito das comemorações do 20.º aniversário, para além do já referido programa especial de encomenda de quatro curtas-metragens, o festival está a preparar a edição de um livro que compila entrevistas e depoimentos dos muitos realizadores e personalidades ligadas ao cinema contemporâneo, recolhidas ao longo das últimas duas décadas, bem como uma exposição retrospectiva assente no precioso acervo resultante da cobertura fotográfica que o Curtas conseguiu reunir ao longo dos seus 20 anos. A publicação do livro tem como objetivo apresentar o contributo dos vários intervenientes que participaram no festival, através de uma série de entrevistas, algumas das quais a cineastas, estabelecendo assim um diálogo entre a obra de cada um e a sua visão sobre o cinema contemporâneo. Para além das entrevistas, serão também incluídos artigos que refletem sobre a identidade do Curtas e as suas tendências mais significativas. No seu conjunto, estes textos funcionarão como uma visão sobre a história do festival e, de uma forma mais alargada, do próprio estado do cinema mundial na transição do séc. XX para o séc. XXI. O programa é composto por filmes, exposições, performances, workshops, concertos e festas.

Festival da Cereja

Nos dias 2 e 3 de Junho, as cerejas dão um colorido diferente a Resende, enquanto diversos grupos de música popular e tradicional animam a vila, no âmbito do Festival da Cereja. No domingo à tarde realiza-se um cortejo, onde cerca de mil figurantes dão corpo a um desfile com carros alegóricos. O Festival da Cereja foi realizado no dia 19 de Maio de 2002 e traduziu-se num grande sucesso. Desde então, o evento tornou-se anual e já vai na 11.ª edição. O ponto de encontro para dois dias de animação, onde nem o fogo de artifício faltará, é o Largo da Feira.

Livros Difíceis na CFP

O escritor Gonçalo M. Tavares profere uma conferência sobre «Ulisses» de James Joyce, no dia 5 de Junho, pelas 18h30, na Casa Fernando Pessoa (CFP), em Lisboa. A CFP comemorará o aniversário de Fernando Pessoa, a 13 de Junho, com uma iniciativa para crianças dos seis aos 12 anos, entre as 15h30 e as 17h30. Esta iniciativa, organizada pelo Serviço Educativo da Casa Fernando Pessoa, requer marcação prévia para a descoberta da Casa. As duas acções (conferência e visita) são gratuitas.

Novo livro de César Santos Silva

Fina D'Armada apresenta o próximo livro de César Santos Silva - «Toponímia Feminina Portuense» -, no dia 2 de Junho, às 17h30, no auditório do Palácio da Bolsa. Joel Cleto assina o Prefácio da obra que conduz o leitor pelas ruas, vielas, congostas, praças e escadas da cidade. «Profundo conhecedor da história do Porto e da sua toponímia, o autor é um guia esclarecido e esclarecedor. De A (que o mesmo é dizer da Rua Adelaide Estrada) a Z (que neste caso é V, relativo à Rua das Virtudes), César Santos Silva revela-nos 146 topónimos femininos do Porto. Uma cidade escrita no masculino, mas que não nega a sua faceta feminina».

Casa das Bicas já tem espólio do Nobel

O espólio de José Saramago já chegou à Fundação com o nome do Nobel da Literatura. Vindo de Lanzarote, a inaugurar em Junho, é composto por objectos pessoais do escritor, como as peças do escritório que será replicado na Casa das Bicas. Chegaram igualmente milhares de livros e outros documentos da Biblioteca, incluindo originais manuscritos, textos de conferências, teses sobre a obra do Nobel da Literatura, versões em diferentes línguas, agendas, recortes de imprensa, fotografias e correspondência.

Camões debatido em Guimarães

O Colóquio Internacional «Sob o signo de Camões - crise e superação» decorre nos dias 11 e 12 de Junho, nos Paços dos Duques de Bragança, em Guimarães, e inicia-se às 9h30 (do dia 11) com a conferência inaugural, por Vítor Manuel de Aguiar e Silva, e o primeiro painel - «Temas críticos da obra de Camões (justiça, censura e insubmissão)» - com Rui Manuel de Figueiredo Marcos, Cristina Marinho Pinto Ribeiro e José Carlos Seabra Pereira. À tarde, após pausa para almoço, realiza-se um passeio (14h30) e às 17 horas tem início o 2.º painel - «Pontos críticos da presença de Camões na Literatura Portuguesa» - com os conferencistas Hélio João dos Santos Alves, Ofélia Paiva Monteiro e João Minhoto Marques. Às 19 horas será apresentado o livro «O Mito Camoniano» de Gilberto Mendonça Teles (Edições Universidade Fernando Pessoa), por Salvato Trigo. O primeiro dia do colóquio encerra com um momento musical, seguida de jantar.

O segundo dia inicia-se, às 9 horas, com a conferência por Hélder Mata Macedo, «Camões sob o signo da dúvida». Às 10 horas, terá início o 3.º painel - «Pontos críticos da presença de Camões em Espa-

nha, França e Itália», com Xosé Manuel Dasilva, Isabel Ponce de Leão e Valeria Tocco como conferencistas. O 4.º painel realiza-se após uma curta pausa sob o tema «Pontos críticos da presença de Camões na Grã-Bretanha e na Alemanha» pelos conferencistas Luísa Pinto Teixeira e Maria Manuela Gouveia Delille. «Camões no pensamento e nas artes de ontem e de hoje» é o tema do 5.º painel que será abordado pelos conferencistas Jorge Alberto dos Santos Croce Rivera, Maria do Rosário Lupi Bello e Eduardo Paz Barroso. Às 17h30 terá início o 6.º painel - «Camões em tempos críticos da Nação portuguesa» - com Martim de Albuquerque e Jaime Nogueira Pinto. A conferência de encerramento será proferida por António Barreto, às 19 horas.



Arouca recebe conferência europeia

Geoparks: a contribution for smart, inclusive and sustainable growth [Geoparques: um contributo para um crescimento inteligente, inclusivo e sustentável] será o mote da 11.ª Conferência Europeia de Geoparks, a realizar no Arouca Geopark, de 19 a 21 de Setembro de 2012. Tendo em conta a estratégia «Europa 2020», esta conferência pretende destacar a importância e o contributo da abordagem Geoparques nas áreas do conhecimento e da inovação, do incremento de uma economia sustentável, do emprego e da inclusão social. Com um programa diversificado, a 11.ª Conferência da Rede Europeia de Geoparques incluirá comunicações com oradores convidados, apresentações orais, posters seleccionados, uma saída de campo

ao Arouca Geopark e, ainda, a possibilidade de visitas de estudo ao Geopark Naturtejo e projeto Geoparque Açores.

A Conferência Europeia de Geoparques é um evento que se realiza anualmente, em diferentes Geoparques membros da EGN (European Geoparks Network), com o objectivo de promover e valorizar o conhecimento e a inovação, inerentes ao processo de desenvolvimento sustentável destes territórios. As inscrições podem ser feitas, previamente, até amanhã (31 de Maio) ou no período regular a partir de 1 de Junho até 30 de Agosto (em http://www.2012egnconference.com/?page_id=201). A submissão de resumos é possível até 30 de Junho (http://www.2012egnconference.com/?page_id=201).

O mundo rural na Bonjóia

A Feira do Mundo Rural regressa à Quinta de Bonjóia, Porto, nos dias 8, 9 e 10 de Junho, com gastronomia, produtos regionais, doçaria tradicional, vinho, artesanato, mostra de animais, espectáculos e cerejas de Resende. No primeiro dia, a feira pode ser visitada entre as 17 e as 23h30, no dia 9 entre as 11 e as 23h30 e no dia 10, entre as 11 horas e as 19 horas. O evento, organizado pela Câmara Municipal do Porto, através da Fundação Porto Social, com o apoio da Porto Lazer e com o patrocínio da Axa Corações em Acção e Speedesign, conta com um conjunto de espectáculos paralelos à feira. No dia 8, sexta-feira, haverá teatro de rua, às 19 horas, meia hora depois haverá lugar a uma demonstração histórica de Falcoaria a Cavalo e à noite, pelas 21h30, poderá assistir a cantares populares pelo Orfeão da Foz do Douro. No sábado, dia 9, a animação tem início às 16 horas, com danças populares, pelo Rancho Folclórico N.ª Sra. da Alegria de Castelo de Vide e às 18 horas, o Grupo de Danças e Cantares «Os Moleiros» de Santa Maria de Cárquere levará a cabo danças e cantares populares. A noite é de fado com Alexandra Guimarães e inicia-se às 21h30. No domingo, último dia da feira, a Academia de Danças e Cantares do Norte de Portugal (Foz do Douro) terá a sua actuação de danças e cantares do Norte de Portugal, pelas 16 horas. Às 18 é hora de danças tradicionais portuguesas com o Rancho Folclórico do CPT do Areinho, Oliveira do Douro. Ainda no dia 10, às 15 horas, realiza-se um workshop de Boleima (Doce Tradicional de Castelo de Vide).

No dia 16 de Junho, às 17h30, a Quinta de Bonjóia acolhe o «Sexteto de Cordas do CMSM» para um recital de música, numa organização da Câmara Municipal do Porto, através da Fundação Porto Social, em parceria com o Curso de Música Silva Monteiro. A entrada é livre

Junho na Quinta de Bonjóia

O Serão da Bonjóia do dia 14 de Junho receberá Isabel Ponce de Leão, José Valle de Figueiredo, Maia Marques, Paulo Samuel e Sérgio Lira para abordarem «Tertúlia Camiliana - Amor de Perdição e os 150 anos da sua publicação». A do dia 21, inserida no Ciclo Porto Cidade de Ciência, abordará o tema «O que é a realidade?», por Maria Burgueite. O Ciclo das Artes, no dia 28, receberá Maria José Guimarães para falar sob o tema «Rasgos de Emoção», Poesia e Dança. As tertúlias à moda do Porto dos Serões da Bonjóia realizam-se às 21h15.

Aulas de Verão de artes plásticas

João Pedro Rodrigues - Artista Plástico | Oficina das Artes | Galeria de ArteEstão abertos as inscrições para aulas de Verão para os mais pequenos, entre Junho e Julho no espaço do artista plástico João Pedro Rodrigues (Rua N.ª Sr.ª de Fátima, Porto), que será o orientador. Introdução às tecnologias, massa, planos, composição, grafite, pastel seco/óleo, tinta da china. Introdução ao barro, gesso e papier maché. Desenvolvimento das capacidades de interpretação e interacção com a arte, através da prática do desenho. Forma, luz/claro escuro. Exploração das técnicas. Algumas sessões de desenho serão dadas no jardim da casa museu Marta Urtigão Sampaio.

Congresso Ibérico de Ourivesaria

Viana do Castelo acolhe, nos dias 8 e 9 de Junho, o I Congresso Ibérico de Ourivesaria, com o tema «Tradição Design e Tecnologia», integrado na Mostra Sign Viana2012. O objectivo é criar oportunidades de partilha entre o trabalho de designers, joalheiros, comerciantes e empresas do sector das jóias. A organização do evento, a realizar no Hotel Flor de Sal, está a cargo da Câmara Municipal de Viana do Castelo e da Universidade do Minho.

Feira Medieval

A V Feira Medieval terá lugar entre 15 e 18 de Junho, em Viana do Castelo, e pretende ser um espaço de animação e convívio, criado com o objectivo de dar a conhecer ao público residente e visitante, hábitos e costumes característicos da Idade Média. É intenção da Vianafestas, responsável pela organização do evento, que a Feira deste ano retrate acontecimentos ou tradições de carácter local ou regional, fundamentados em documentação ou outros elementos da história local. Estarão presentes artesãos, mercadores, regatões e artífices, vindos dos mais diversos lugares, que irão transformar o casco histórico da cidade de Viana do Castelo num espaço privilegiado de encontro, negócio, lazer e de gastronomia.

Orquestra do Norte

Amanhã (31 de Maio), às 21h30, o Auditório da Faculdade de Engenharia do Porto será palco para o último concerto deste mês da Orquestra do Norte. Sob a direcção do maestro-titular da ON, José Ferreira Lobo, e com a presença da soprano Ana Maria Pinto, serão apresentadas obras de Rimsky-Korsakov e Ernest Chausson.

35 festival internacional de teatro de expressão ibérica

28 maio -> 03 junho

26 maio prólogo dia fitei em guimarães 2012

www.fitei.com

venda de bilhetes e informações nos locais dos espectáculos e loja fitei

rua cândido dos reis, 64
tlm: 935 192 000

a partir de 21 de maio de 2012
Dom a 4ª, 12h30-20h00
5ª a sáb, 12h30-24h00

estrutura financiada por: GOVERNO DE PORTUGAL SECRETARIA REGIONAL DA CULTURA

FLUP lança «A Oficina do Mapa»

«A Oficina do Mapa», é um novo serviço prestado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e dirige-se a todos aqueles cujas actividades, estudos e interesses incidem sobre o Território. «A Oficina do Mapa» oferece serviços de diversa índole, de que se destacam: elaboração e atualização da cartografia temática; suporte a levantamentos territoriais; mapeamento para estudos de mercado e planeamento urbano; cartografia para publicações científicas; georreferenciação de dados; ilustração gráfica de manuais escolares; suporte a roteiros. Estão ainda previstos serviços personalizados, de acordo com os interesses dos clientes. Este serviço insere-se no âmbito da Unidade de Apoio à Prestação de Serviços, dando assim continuidade ao lema «FLUP: uma Faculdade ao serviço da Comunidade». Este envolvimento assume-se como um objectivo prioritário e estratégico da política científica da instituição. A transferência de conhecimento é fundamental e desta forma a Faculdade de Letras pretende afirmar a sua presença na comunidade em que se insere, e, desde logo, na comunidade universitária e na própria UPorto.

«Teatro Universitário no Porto»

O Teatro Universitário do Porto (TUP) leva a cena o espectáculo final do curso de iniciação à interpretação de 2012. O espectáculo, «Teatro Universitário no Porto», terá lugar na sede do TUP (Travessa de Cedofeita, n.º 65), pelas 22h, entre os dias 30 de Maio e 9 de Junho. Os bilhetes (cujo preços variam entre 2 e 3 euros) podem ser reservados por email (reservas@teatrouniversitariodoporto.org) ou por telefone (914310337).

FITEI 2012 até 3 de Junho no Porto..

A 35.ª edição do FITEI - Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica chega ao fim no dia 3 de Junho, no Porto, com espectáculos de Espanha, Brasil, França e Itália. Assim, hoje (30 de Março) às 11 e às 18h30 «Farfalle», pelo Teatro di Piazza o d'Occasione (Itália), sobe ao palco do Balletteatro Auditório. Às 21h30, O TeCA recebe «As Intermittências da Morte» por Ítaca Teatro e Quinta Parede (Itália/Portugal). Amanhã, o programa prossegue a partir das 18h30 com «Um Acto de Comunhão», pelo Teatro Oficina (Portugal), no Teatro Helena Sá e Costa, que receberá logo a seguir Lautaro Vilo, para falar sobre este trabalho, escrito em 2004. O texto do dramaturgo e encenador argentino baseia-se na história verídica de Armin Meiwes, que ficou conhecido como o «Canibal de Rotenburg», depois de ter cometido um acto de canibalismo consentido. Às 21h30, «As Intermittências da Morte» regressa ao TeCA. À mesma hora, mas no Teatro Nacional São João, sobe ao palco «O Doente Imaginário», pelo Ensemble (Portugal). Ainda amanhã, o especialista em teatro latino-americano, o investigador chileno Mario Rojas, apresenta a palestra «El arte de esquivar la censura y la represión: Teatro y dictaduras del Cono de América del Sur», onde aborda o impacto da censura e da repressão nas artes cénicas na Argentina, Chile e Uruguai durante as ditaduras militares da segunda metade do século XX. É às 22 horas na UNICEPE.

No dia 1 de Junho, às 18h30, será o momento para o lançamento do livro «José Caldas - 40 anos de Teatro: Por um Teatro Popular a Partir da Infância», na Fnac de Santa Catarina. Às 21h30, o Teatro do Bolhão acolhe a sua peça «As Lágrimas Amargas de Petra von Kant» (Portugal), com apresentação também no dia 2. Ainda no dia 1, às 21h30, «O Doente Imaginário», estará de novo no Teatro Nacional São João. A 2 de Junho, o FITEI junta-se a Serralves em Festa, às 16 horas, para Beau Geste (França) apresentar «Transports Exceptionnels». A performance será repetida às 19h30 do dia 3. Neste dia, mas às 21h30, o TeCA abre as portas a «Petra, la Mujer Araña y el Puton de la Abeja Maya», pela companhia de Sol Picó, um espectáculo de teatro e dança contemporânea. Como já vem sendo habitual, a edição de 2012 do FITEI conta com várias extensões de norte a sul do País. Depois de Felgueiras, é a vez de Faro, Viseu e Guarda acolherem a peça «Farfalle» criada pelo Teatro de TPO. O Teatro das Figuras, Faro, recebe-o às 11 horas nos dias 2 e 3 de Junho e às 16 horas, no dia 2 de Junho. O Teatro Viriato, em Viseu, será o palco da peça no dia 9, às 11 e às 16h30, e no dia 9, o Teatro di Piazza o d'Occasione (Itália) viaja até ao Teatro Municipal da Guarda também para duas representações: às 16 horas e às 21h30.

EXPOSIÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Do dia 19 de Maio a 16 de Junho de 2012

Na Baganha Galeria

(Cor Espontânea Galeria de Arte)

Boavista - Porto

Exposição de Arte Contemporânea é o título da exposição patente até ao dia 16 de Junho de 2012, na Baganha Galeria (Cor Espontânea Galeria de Arte), na Rua do Bom Sucesso 221, Boavista, Porto.

Nesta mostra colectiva são exibidas obras de pintura de nomes bem conhecidos das artes plásticas como Júlio Pomar, Augusto Gomes, Dórdio Gomes, Vieira da Silva, Arpad Szenes, Ângelo de Sousa, Cruzeiro Seixas, Maluda, Maria José Aguiar, Nadir Afonso, Nikias Skapinakis, Julião Sarmento, Sá Nogueira, Manuel Cargaleiro e José de Guimarães.

Também, na sala consagrada ao mestre Júlio Resende, são apresentadas obras deste conhecido nome da pintura portuguesa.

HORÁRIO:

De 2ª a 6ª das 10h00 às 13h00 e das 14h00 às 19h00

Sábado das 14h00 às 20h00

Telefone: 226007522 | 969841108 | 969841108

Morada: Rua do Bom Sucesso, 221

4150-150 Porto

www.baganhagaleria.com

info@baganhagaleria.com



Devagar se vai longe.

Comece a poupar desde € 25/mês.

Com o BPI poupar é mais fácil.

A partir de € 25 por mês, crie o seu plano de poupança e escolha com total flexibilidade o montante, o prazo e o produto mais indicado para si. As condições do seu plano podem ser alteradas sempre que quiser.

Poupe, pouco a pouco, e verá como devagar se vai longe. Faça uma simulação em www.bancobpi.pt e veja as vantagens de poupar gradualmente.

Toda a informação nos Balcões e Centros de Investimento BPI, www.bancobpi.pt e 800 22 10 22 (linha grátis com atendimento personalizado, das 7h às 24h).





Maria Vasconcelos



Beatriz Pacheco Pereira



Helder de Carvalho



Jorge Curval

Diálogo entre formas

Nove escultores juntam-se para assinalar o terceiro aniversário do jornal As Artes entre As Letras na Fundação Eng. António de Almeida, no Porto, local escolhido para a celebração deste ano. É uma oportunidade única de apreciar no mesmo espaço obras de Beatriz Pacheco Pereira, Elsa Melo Silva, Francisco Simões, Helena Fortunato, Helder de Carvalho, Jorge Curval, José Rodrigues, Maria Vasconcelos e Taveira da Cruz. Ao todo são 16 obras para ver a 2 de Junho, a partir das 16 horas.



Elsa Melo Silva



Helena Fortunato

Francisco Simões



Taveira da Cruz



José Rodrigues